DESCRIPCAM DA IORNADA, E EMBAIXADA EXTRAORDINARIA QVE FEZ A FRANCA DOM ALVARO PIREZ DE CASTRO, CONDE DE Monſanto, Marquez de Caſcais, Fronteiro Mor, Alcaide Mor, Vedor Mor, e Couteiro Mor de Lisboa, Gouernador, e Capitam Geral das Capitanias de Itamaraca, ſam Vicente, terras de ſancta Anna no eſtado do Brazil, Senhor e perpetuo Adminiſtrador dos Morgados de ſam Matheus, e ſancto Eutropio, Caualeiro profeſſo da Ordem de noſſo Senhor Ieſus Chriſto, no anno de 1644.

Offereçida ao Illuſtriſſimo & Reuerendiſſimo Senhor Dom Franciſco de Caſtro, Biſpo da Guarda, Inquiſidor Geral dos Reynos de Portugal, do Conſelho de Eſtado de ſua Mageſtade Sereniſſima.

Ordenada pello Padre Frei MANOEL HOMEM, Religiozo da Ordem dos Pregadores.

IMPRESSA EM PARIZ,
Por IOAM DE LA CAILLE, a 23. de Iunho de 1644.
Com todas as licenças neceſſarias.

mcb 692975

AO ILLVSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR DOM FRANCISCO DE CASTRO BISPO DA GOARDA, DO CONSELHO DO ESTADO DE SVA MAGESTADE, INQVISIDOR GERAL DOS REINOS DE PORTVGAL.

TRES *ocaſioẽs* (ILLVSTRISSIMO SENHOR) *mas nam verdadeiras cauſas, podia ter o amor proprio pera reparar no que neſta Relacam ſe trata. A primeira, offerecer ſe a voſſa Illuſtriſſima ramo illuſtre da generoſa familia dos Caſtros. A ſegunda, ſer quem a eſcreue feitura do Conde Marquez. A terceira, conter grandeZas nunca viſtas, e fauores dos Reis Chriſtianiſſimos, ſingulares, e nam communicado a outrem, mas com a ſatisfacam da vltima, ceſſa toda a difficuldade das primeiras. Foram todas eſtas glorioſas accoẽs publicas, e auiſta da maior Corte do mundo. Por eſte reſpeito as imprimi em Paris, com que a ſua verdade fica apurada: pois as publiquei entre aquelles, que nam como inueioſos, mas por teſte munhas de viſta as podiam contradiſer. Mas pois todos as recebem ſem contradiçam alguã, voſſa Illuſtriſſima a naõ padeça em aceitar ſeruiço tam limitado na quantidade: porque no preço e naualia he dilatado e grande, aſſi por ſer o ſogeito della o Conde Marquez de Caſcais, como por ſe offerecer a voſſa Illuſtriſſima Principe taõ grandioſo; pois concluſaõ he certa do Douctor Angelico na 12. quæſt. 19. art. 2. que o fim e obiecto em nobrecem as accoẽs da alma. Goarde Deos a voſſa Illuſtriſſima por largos annos. Paris 20. de Mayo de 1644.*

Seruo e Capellam de V. Illuſtriſſima,

FREI MANOEL HOMEM

AQVEM LER.

DVVIDAR o que he poſſiuel (curioſo Leitor) ſempre foi indicio, de pouco ſaber, ou de pouco amor. Neſte Tratado ſe bem ſe relataõ couſas grandes, tam bem ſam poſſiueis e contingentes. Naõ as faca incriueis a ventura a lheia. Vença a Rezaõ ao reſpeito proprio, ſempre incredulo de felicidades grandes. Tantas melhoras da eſtimaçam e poder de Portugal, ſe lhas iulgas por diuidas; por grangeadas pello Conde Marquez de Caſcais merecem ſerem cridas e eſtimadas. Se aſſi o praticares, teras ſaber, pera crer, e amor da patria, pera fazer eſtimaçam de ſuas grandezas, procuradas por hum Principe ſeu. Vale.

IORNADA DO CONDE MARQVEZ DE CASCAIS EMBAIXADOR EXTRAORDINARIO A FRANCA.



Vá das primeiras acçoés de ſua Mageſtade el Rey Dom Ioaó o quarto Noſſo Senhor foi (com a reſtituiçaó de ſua hereditaria Monarquia) reſtituir o Reyno de Portugal atoda ſua grandeza e authoridade. Pera eſte effeito mandou ſeus Embaixadores ádiuerſas partes de Europa, pera com ſua prezença perſuadirem que a juſtiça hauia reſucitado aos Portuguezes, aquem por ſeſſenta

annos teue quazi extinctos e mortos a Caſtelhana tyrannia. E porque entre os Reynos, aquem as memorias antigas reſpeitauaó mayores obrigaçoẽs de amor, era o Chriſtianiſſimo de França tantas vezes a liado com Portugal, obrigado aſſi do reſpeito do ſangue tantas vezes repetido entre ambos os Principes, como da boa correſpondencia de verdadeira amizade, que muito ſe conſerua com o ſangue, o qual reconhecemos verdadeira mente Francès no Conde Dom Henrique primeira planta da Monarchia Portugueza. Foi eſte eſclarecido Principe Neto do primeiro Duque de Borgonha Roberto, e filho quarto de ſeu primogenito Henrique e pella propria reſaó ſegundo e terceiro neto dos antigos Reys de França Roberto e Hugo Capeto, por donde teue parte grande no ſangue do famoſo Carlo Magno Rey de França e Emperador do Mundo. Pede parenteſco tam antiguo continua e perpetua amizade com os Principes Franceſes. Pera renouacaó deſta mandou ſua Mageſtade por Embaixadores a Franciſco de Mello, ſeu Monteiro Môr, e o Doutor, Antonio Coelho de Carualho Dezembargador do Paço multiplicacaó de ſogeitos conueniente, pera que

a nobreza e a ciencia produsissem noua affeiçã evencessem o dificil: Preualeceo arezaõ (sempre vensedora de grandes inconuenientes) consseguiraõ se os effeitos de amizade e aliança, que esperamos durem pera sempre, publicadas emtodo o Reino de Portugal, solemnemente pello sáo Ioaõ domesmo anno de 1641. Acçaõ deuida atantos parentescos, e naõ pouco ajudada com a conueniencia da oppoficaõ, que a Real Coroa de Portugal faz ade Castella (com tantos e taõ gloriozos succesos.) pera mayor exaltacaó da Franceza. Ao Reyno de Inglaterra se fez amesma offerta de pazes e amizades perpetuas, as quais se conseguiraõ por industria de Dom Antam d'Almada, edo Doutor Franciscо de Andrade leytaõ, tambem Dezembargador de Paço. Assi, nos Estados de Olanda, Assi, no Reyno de Suecia. Assi, no Principado de Catalunha. E posto que tanta diligencia parecesse excessiua a alguñs mal intencionados ás couzas de Portugal, tudo era justo e necessario. Toda a piquena dilaçaó parecia grande, enaõ hauia sogeito que naó parecesse sufficiente, pera procurar as melhoras do Reyno. E na verdade todas as eleicoés foráo acertadas e conuenientes, pois todos os eleitos tiueraõ tanta

parte naquelle geral applauzo e glorioza acclamaçaó del Rey nosso senhor.

Todas estas Embaixadas foraó despedidas do Reyno dentro de seis mezes, com grandes despezas da fazenda Real. Foi Deos seruido que em todos os Reynos declarados se conseruasse sempre tanto a memoria de Portugal, que a naó pudesse vencer, nem o iusto aborrecimentó da naçaó Castelhana, nem a indiuida aniquilaçaó, emque sua tyrannia ajudada de nossos mesmos peccados (que ordinariamente ninguem padesse sem culpa) nos hauiaó posto. Seu abatimento, e sua sogeicaó sentia (Dauid, mas tambem conhecia ser reposta de seus deleytos, e por isso diz no Psalmo 118. *Priusquam humiliarer ego deliqui.* Naó ouue parte alguá emque os Portuguezes naó parecessem bem, tirando naquellas, emque os Castelhanos naó parecem mal, mas o tempo descubrira os enganos de huns, eos desenganos de outros. Saó os Portuguezes sempre fieis, e verdadeiros. Agente de Castella muitas vezes se esquece de suas promessas. Entre os Principes de Europa, o que mayor estimaçaó fez de nossa amizade, foi el Rey Christianissimo Luis XIII. conhecendo arezaó de nossa iustiça e naó podia

ser

ser menos, pois foi hũ Monarqua aquem o mundo venerou por justo, titulo excellente deuido a sua equidade, e inteireza; e outras admiraueis virtudes, que nelle se conheceraõ. E posto que fallamos neste Principe, (aquem Portugal deve todos os reconhecimentos) justo he que pera desempenho de tantas divi das façamos huá pequena digressam, publicando hũ acto seu illustre e heroico, que fez sendo a inda mancebo, em materia mais vidrenta e perigoza, qual he a da conjugal castidade, tam pouco estimada de algũs Principes neste tempo.

A Conteceo, que indo com algũs grandes de seu Reyno a huá quinta de gosto e recreaçam a cobiça de certo Ministro quiz comprar o augmento da valia com alizonja de illicitos empregos. Entrando o Rey em huá caza lhe sahio ao encontro huá fermoza donzella offerecida ao gosto lacivo. Este declarou offerecendo ao continente Principe hum coraçaó curiozamente fabricado de seda, final comque naquelle Reyno, se faz total entrega de huá rendida vontade. Aceitou o justo Rey a amoroza offerta do coraçaó sem alma, mas engeitou as flores da fermozura viva; e restituindo aprenda á rendida dama lhe disse estas formais

palavras. Tornovos o vosso Coraçaó pera que o entregueis a Deos, que he mais fino amante, fazendovos Religioza, e pera isso vos darei toda a necessaria ajuda. Venceo o amor diuino ao mundano, e a dama gentil trocou as ricas galas pello habito de húa Religiaó pobre e penitente. Accaó foi esta justissima, pella qual mereceo, com rezaó, onome de justo, porque se a justiça consiste em dar o seu a seu dono, que joya hemaïs propria de Deos, que ocoraçaó humano?

Tornando ao principal intento (e auendo feito) el Rey Christianissimo pazes perpetuas com Portugal, declarou ogosto que tinha dellas, a el Rey nosso senhor Dom Ioaó o quarto, por via de seu Embaixador o Marquez de Brezé, que indo a Portugal com apparato e luzimento, foi poderozo motiuo pera el Rey Christianissimo acrecentar o Marquez, á grandeza de Duque, executando com isso hú singular acto de justiça distributiua, porque justo he, que hum senhor que vai seruir ao seu Principe à Reynos estranhos, com esplendor e grandeza, em satisfaçam receba delle todos os fauores e todas as honras: pois he certo que o Embaixador pobre nam faz o

Rey rico, e o grandiozo he valente teſtemunho de ſeu poder. Ehuá honrada remuneraçaim he poderoſo eſtimulo pera animar os vindouros a fazerem grandes ſeruiços. Os mais Reynos de Europa accitaram noſſa amizade, que ſempre foi eſtimada a dos Portuguezes, por ſegura e firme. Com tantos Principes aliados, mais ſe reforçaráo as forças Portuguezas, e el Rey de Portugal noſſo ſenhor, meteo grande cabedal e reſto nas fronteiras, fazendo niſto as partes del Rey Chriſtianiſſimo, (importantiſſima conueniencia) pera que diuertido e trabalhado o Caſtelhano com as armas de Portugal, foſſem as de França mais gloriozas e vencedoras.

A Roma, mandou el Rey Sereniſſimo de Portugal por ſeu Embaixador o Biſpo de Lamego Dom Miguel de Portugal, que eſtà no Ceo, peſſoa tantas vezes Illuſtre, por virtude, por ſangue, e por letras, aſſiſtido do Inquizidor da ſuprema, o Doutor Pantaliam Roiz Pacheco, talento de grandes partes, tam conhecido no Reyno, e oje eleito Biſpo de Elvas. Naó logrou eſta Embaixada os finsque prometiam taó acertados meyos, porque prevaleceo contra arezaó o reſpeito. A Olanda foi eleito Embaixador Franciſco de Souza Coutinho fidalgo

conhecido e de grande sufficiencia, como ja o tinha mostrado na primeira Embaixada ao Reyno de Sueçia. Rezide na Corte de Olanda á qual tinha ido primeiro por Embaixador Triftam de Mendoça Furtado pessoa authorizada no Reyno. O Padre Frei Dinis d'Alencastre Religiozo da Ordem de saõ Domingos, e seu Irmaõ o Padre Inacio Mascarenhas da Companhia de Iesu, seruiraõ a sua Magestade com o honrozo cargo de Embaixado , em differentes Provincias e Reynos, satisfazendo inteiramente nelles o que deuiaõ ao seruiço de sua Magestade, á lealdade Portugueza , e ao sangue de seus illustres progenitores. Nem deve condenarse a mudança de habito, que Portugal vio neste accidente, porque assi opediaõ taõ apertadas circunstancias, e em o cazoẽs semelhantes, tambem parece a lança e a espada na maõ de hũ Sacerdote, como o liuro; sirva de proua o que fez humsanto frade Portuguez em ajuda da liberdade da Patria. Assi diz o Mayor Poeta, no Canto. 8.

Hum sacerdote vem brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria: que dantes foi tomada
Por quem por Mafamede enreſta a lança,

He Theotonio Prior: mas ve cercada
Santarem; e veras a segurança
Da figura nos muros que primeira
Sobindo ergueo das quinas abandeira.

Paſtor da Igreja eſtaua eleito ſaõ Pedro, e trazia a ſua eſpada taõ a fiada, como o certificou a orelha de Malco. Ha tempos em que a eſpada parece melhor nas maós ſagradas, que os liuros de oraçaõ edeuotos. Ao Conde da Vidigueira Almirante da India Oriental mandou ſua Mageſtade por ſeu Embaixador a França a donde procede com prudencia e madureza taó conhecida, que os effeitos ſaó acertadas conſequencias de muitos annos e de grádes experiencia, mas ocerto hę, que auelhice, conſiſte no ſentir, e naó noparecer.

Eſtando as couſas do Reino neſte eſtado, e ſua Mageſtade del Rey noſſo Senhor mui confiado, aſſi nas marauilhas, que Deos noſſo ſenhor tinha obrado pellas maós dos Portugueſes, como nas boas nouas, quequaſi todos os dias vinhaó, aſſi das alianças dos Reinos eſtrangeiros, como das inſignes victorias de noſſas Fonteiras, ſocediu, que aos quatorſe de Mayo de anno paſſado de mil e ſeis centos eco-

renta etres, falleceu el Rey Christianissimo Luis Trezeno, de França, comquem ia tinhamos pases e alianças confirmadas. Por esta resam pareceo não so conuenientemas muito iusto, que se nomease Embaixador Extraordinario, que por parte do Serenissimo Rey de Portugal fosse a França dar os pezames ao Rey minino e a sua May a Rainha Dona Anna, Regente daquella Monarquia, por sua pouca idade. E depois que sua Magestade Serenissima ouue magnifica e grandiosamente comprido com os officios funerais deuidos a hum tam glorioso Principe, & verdadeiro amigo, assim na Corte de Lisboa, como emtodos os mais lugares do Reino, aonde a sumptuosa piedade das exequias foi poderoso argumento do amor que se tinha ao Monarca defunto (sam os Portugueses bons amigos na uida e namorte.) logo tratou de nomear pessoa de sua satisfaçam, que bem compriisse, a falta de sua Real pessoa. Era ia neste tempo promulgada a Dieta de Munster sobre a paz vniuersal de Europa, e sobre ella hauia Sua Magestade ia despedido tres Commissarios seus, que com titulo de Embaixadores passassem a dita Dieta, pera que assi se preueniisse melhor acerteza, de poder ir por sua parte Plenipotenciario. Pare-

ceu a sua Magestade Sereniſſima, que a nomeaçaó conuinha encarregarse atal pessoa, que nocaso emque nadita iunta ella ouuesse de entrar, o podesse faser dignamente em seu nome. Polloque aduirtido hum e outro respeito, sua Magestade Sereniſſima por si somente, e por sua Real eleiçaó encarregando huá e outra cousa ao Conde Marquez de Cascais com todos os auisos e disposicoés necessarias, e com todos aquelles fauores de estimaçaó e confiança, com que a vassallos tam honrados custumaó engrandecer e honrar os Reis e os Principes.

Sesta feira vinte e seis de iunho de mil e seis centos e corenta e tres, sua Magestade Serinissima nomeou por seu Embaixador Extraordinario a França a Dom Aluaro Pires de Castro Conde de Monsanto e Marquez de Cascais. Foi esta eleiçaó por todos geralmẽte tam applaudida, e bem estimada, como o persuade a real acçaó, que sem mais parecer que o proprio á concebeo e produsio. Singular propriedade de sua Magestade, cujos arbitrios, em tudo saõ fortunatos e acertados, como a experiencia mostra, e prouaõ os felices succesos. Naõ faltaraõ sogeitos que nesta ocasiaõ, que lem-

ocupado

foi final da propria incapasidade, e o fugir dellas forte argumento de as merecer. Esta verdade conhecida pode ser fosse humdos motiuos, que o Real animoteue pera chamar o Conde Marquez de Cascais pera seruiço tam honrado, quando no descanso e repouso da sua Quinta de Bellem, viuia menos ambicioso, emais descuidado. As calidades, que napessoa deste Principe concorriaõ conhecia mui bem sua Magestade, e porque a luz escondida naõ pode tam perfeitamente ser conhecida demuitos, eo Marquez quasi sempre viueo retirado da Corte: porque nada pretendia, felicidade naõ piquena, e bemauenturáça lhe chama o lyrico. *Beatus ille qui procul negotiis*, (Equam poucos querem oie ser bem auenturados) porque a ambiçaó he omaior mal e omais duro e aspero tormento, e he humfogo que abraza ao mesmo ambicioso, diz elegante mente o Poeta Tragico. *Vrit miserum gloria pectus.* Viuendo o Marquez a partado da Corte naõ podia ser de todos conhecido epolto que a virtude, de que elle fas maior estima, he auerdadeira nobresa, como la diz Claudiano, *Conditio virtute decet, non sanguine niti.* Com tudo naõ se pode negar, que anobresa eo illustre he grande fundamento pera ella, e ordinaria

e ordinaria mente vemos, que ao sangue humilde acompanha ouiçio, cao nobre segue a virtude. Por este respeito diremos breue mente e por maior, quem he o Marquez de Cascais pera naõ cansarmos o curioso leitor, nem offendermos a formalidade da compendiosa relaçam.

He o Marquez de Cascais o mais illustre tronco da antiquissima enobilissima geraçaõ dos Castros. A memoria que della se acha he do anno de noue centos, depois do nacimento de Christo, que na era presente fasem soma de quasi 800. años de antiguidade. Os liuros antigos de Castella affirmaõ que o Progenitor desta illustrissima familia fosse Lain Caluo principe de real sangue, que por morte del Rey Dom Fruela, ou priuaçaõ de Cetro, por mole eremisso, foi eleito gouernador de Castella em companhia de Nuno Razura com titulo de Iuises. Assi o refere o Arcebispo dom Rodrigo de Toledo, fonte dos Coronistas Castelhanos, lib. 5. cap. 1. Casou Lain Caluo, com Dona Teresa filha do companheiro Nuno Rasura. Teue dous filhos Fernaõ Laines, e Bermudo Laines. Este, teue muitos filhos, o 2. foi Fernaõ Bermudes, doqual se trataremos por ser principio desta familia. Foi

rico homem, que era o titulo mais honrado da quelle tempo, e Mordomo mor del Rey Dom Ramiro. Ouue hum filho chamado Lain Fernandes, o qual teue titulo de Conde, e foi grande Senhor, emuitó rico. Seu filho foi Fernaó Laines, ou Dom Fernaõ Fernandes, comodis o Infante Dom Pedro no liuro das suas Linhagens, titulo 12. doqual discrepa o Bispo de Pamplona na Chronica del Rey Dom Affonso o septimo deleaó. Casou com Dona Maria Aluares filha de Dom Aluaro Fernandes, primeiro Castro, o qual appellido tomou por ser senhor de Castro Xeres, e de outras mituitas terras, e foi netto tambem de Lain Caluo, e parente por Baronia de Fornaó Laines, comodis Sandoual, ou Dom Fernando Fernandes, como affirma o Infante Dom Pedro. Teue hum filho, que foi Ruy Fernandes Caluo, grande pessoa, ecasou com a filha do Conde Dom Martinho, em Valhedolid. Tiueraó sete filhos, ficou por morte dos mais velhos, herdeiro da Casa de seu pai o terçeiro Dom Guterres Rodrigues de castro, casado com Dona Eluira. Socedeulhe seu filho Dom Fornaó Guterres de Castro, senhor de Lemos, e Sarria.

Filho deste Dom Fernaó Gutterres de Ca-

ſtro foi Dom Eſteuam, Fernandes de Caſtro, Adiantado do Reino de Galiza, e Pertigueiro maior da Ordem de Santiago em Caſtella, caſado com Dona Aldonça Rodrigues netta del Rey Dom Affonſo o quinto de Leaõ, *E eſta foi a primeira ves que os Caſtros ſe aparentaraõ com o ſangue real.* Foi ſeu filho Dom Fernando Rodrigues de Caſtro, caſou com Dona Violante Sanches filha baſtarda del Rey Dom Sancho o Brauo. *Segunda conſanguinidade Real.* Tiueraõ huin filho, que ſe chamou Dom Pedro Fernandes de Caſtro ſenhor da grande caſa de ſeu pai, Mordomo Mor del Rey Dom Affonſo, Adiantado mor das fronteiras de Caſtella, e Pertigueiro maior de Santiago, aoqual por valeroſo e esforçado chamaraõ por alcunha, *o da Guerra.* Caſou com Dona Iſabel Ponçe de Leon, ouue a Dom Fernando de Caſtro, ea Dom Aluaro Pires de Caſtro, ea celebrada Dona Ines de Caſtro, ſegunda molher del Rey Dom Pedro o Crû de Portugal, como affirmaõ, *Vaſconcellos nas hiſtorias de Portugal*, *Anaceph.* 10. §. 2. *Maris*, *Dialo.* 3. *cap.* 4. *c.* 5. *Faria*, *cap.* 9. *Parte* 3. *Charamuel*, *liu.* 3. *queſt.* 1. *Artigo.* 2. *outros.* Foi caſado com Dona Ioanna filha baſtarda del Rey Dom Affonſo de Caſtella o onzeno cauendo

diuorçio, por amor doparentesco. Casou com Dona Isabel Henriques bisneta del Rey Dom Fernando o santo. (*Terceira consanguinidade Real*) Morreo este Dom Fernando de Castro em Inglaterra, teue filhos os quais morreram sem geraçam.

Dom Aluaro Pires de Castro filho natural de Dom Pedro de Castro da guerra, ja nomeado- (e naõ de Dom Fernando de Castro, porque naõ consta, que o fosse,) irmaõ de Dona Ines de Castro veio a Portugal, em tempo del Rey Dom Pedro o crú fugindo de outro de Castel- la. Foi Conde de Arayolos, senhor do Cadaual, e de outras muitas terras, Alcaide mor de Lisboa, (cargo de grande fidelidade, pera que se ueia quaõ antiga he esta, na casa de Monsanto) eo- primeiro Condestable deste Reino. Casou coim Dona Maria Ponçe de Leon. Seu legitimo her- deiro foi seu filho Dom Pedro de Castro casado com Dona Leanor Telles de Meneses filha do Conde de Ourem. Naceo delles Dom Ioaõ de Castro, que foi senhor do Cadaual, e de outras muitas terras, e casado com Dona Leanor da Cunha filha do Conde de Valença em Castella (que era viuua de Ioaõ das Regas senhor de Cascais) de quem ouue a Dona Ioanna de Ca-

stro,

ſtro, que herdou ſua caſa, e caſou com o Duque de Bragança Dom Fernando primeiro, e por eſte caſamento ſe aiuntou á caſa á de Bragança. Dom Fernando de Caſtro filho terceiro de Dom Pedro de Caſtro, e hirmaó do refirido Dom Ioaó de Caſtro, continuou a a Baronia e viril decendencia de ſeus illuſtres auós caſando com Dona Iſabel de Ataide. Teue muitos filhos, Dom Aluaro de Caſtro, e a Dona Iſabel de Caſtro, que ouuera de caſar com o Infante Santo Dom Fernando filho del Rey Dom Ioam o primeiro, e pera o resgatar foi á Africa com huá groſſa Armada (gouernando o Reino o Infante Dom Pedro, que taó antiga he neſta caſa a grandeſa) leuando muitos naujos todos a ſua cuſta gaſtando com toda a liberalidade muitos mil cruſados por liurar o Infante, aſſi como o faſagora ſeu netto o Marquez de Caſcais em ſeruir a ſeu Rey. Naó teue o intento o ſucceſſo que ſe eſperaua. Morreu eſte ſenhor nocaminho de huá ſettada de inimigos conquẽ pelleïou valeroſamente ſem poder ſer ſocorrido da mais armada por cauſa da calmaria.

Ficou com toda ſua caza ſeu filho Dom Aluaro de Caſtro primeiro Conde du Monſanto

e Camareiro mordel Rey Dom Affonso o quinto, fronteiro mor e Alcaide mor de Lisboa. Foi valente e valeroso, a chandosse nas maiores empresas e perigos das guerras de Africa, e mostrandose em muitos encontros vencedor, na tomada de Arzila, desgraciadamente, foi ferido na cabeça com hua setta de que morreu. Huá Iudia grande feiticeira lhe pronosticou a morte, e sabendoo el Rey a pertou muito com elle naõ fosse na iornada, mas como amaua mais o seruiço do Rey, que a propria vida, naõ reparou perdella, pera deixar á seus filhos a mais rica herança, qual he o amor do Principe. Casou com Dona Isabel filha unica e herdeira de Dom Affonso de Cascais, filho bastardo do Infante Dom Ioaõ filho del Rey Dom Pedro. *Quarta consanguinidade Real.* Amay desta Senhora foi Dona Branca da Cunha filha de Ioaõ da Regras senhor de Cascais, da Lourinhã: e do morgado de saõ Matheus em Lisboa. Tiueraõ muitos filhos, a Dom Ioaõ de Castro, que foi o 2. Conde de Monsanto, que sendo casado morreu sem geraçaõ, a Dom Iorge de Castro que naõ teue decendencia, e a Dona Ioanna de Castro que casou com Dom Ioaõ de Noronha irmaõ do primeiro Marquez de Villareal Dom Pedro de Meno-

fes, ambos nettos dos Reys Dom Fernando de Portugal, e de Dom Henrique o 2. de Caſtella, *Quinta conſanguinidade Real.*

Dona Ioanna de Caſtro filha de Dom Aluaro de Caſtro, por morte de Dom Ioaõ de Caſtro ſeu irmaõ (que naõ teue filhos) herdou a caſa de Monſanto ſendo ia viuva de Dom Ioaõ de Noronha, do qual ouue muitos filhos, o herdeiro vniuerſal foi Dom Pedro de Caſtro 3. Conde de Monſanto, ſenhor de Caſcais, Lourinham, Morgado de ſaõ Matheus, e Alcaide mor de Lisboa. Camareiro mor, Couteiro mor, Caçador mor, Veador de fazenda del Rey Dom Manoel, e ſeu priuado em taõ grande maneira, que aquelle glorioſo e grandioſo Monarca o hia viſitar muitas veſes, e á Condeſſa ſua melher nas ocaſioẽs dos partos. Foi tambem fronteiro mor e prouedor mor das obras Reais de Lisboa. Caſou duas vezes, a primeira, com Dona Ioanna de Meneſes, que foi eſteril. A ſegunda, com Dona Ines de Ayala filha de Dom Diogo de Sylua primeiro Conde de Portalegre. Foi eſte Principe, por via de ſeu pay treſnetto dos Reis Dom Fernando de Portugal, e Dom Henrique o 2. de Caſtella; e por parte de ſua May, quarto netto del Rey Dom Pedro o Cru de Portugal.

Deixou por sua morte seu vniuersal herdeiro a Dom Luis de Castro seu filho primogenito, o qual teue todos os officios de seu pai o Conde Dom Pedro, mas naó o titulo, porque se lhe deuia outro maior, e naquelles tempos de ouro eraõ os merecimentos muitos e os titulos poucos, e nauerdade, que melhor he ser o Rey escasso de honras, que prodigo: porque a prodigalidade falas abatidas, e a escaçeza estimadas. E vendo hum discreto senhor a multidaó de titulos que dava (senaõ vendia Castella) disse galantemente. *Oje, oser Conde, naõ he grandesa, he confraria.* Foi casado com Dona Violante de Ataide filha do primeiro Conde da Castanheira, Dom Antonio de Ataide. Sendo mancebo, mandouo el Rey Dom Ioaõ o 3. por General dos Morgados do Reino a socorrer a cidade de Ceita, cercada pellos Mouros, Leuátouo o cerco, e fes á sua custa hum grande e forte Baluarte, muito necessario pera adefensaó dapraça, despendendo muito dinheiro, *que he herança desta grande casa, gastar a propria fasenda em seruiço do Rey.* Apaga de taõ grande seruico naó correu por conta do Principe, se naó do tempo conseruando o Baluarte com onome do Baluarte de Dom Luis. Teue ampla geraçaó da primeira molher,

molher, enenhuá da ſegunda.

Ficou ſenhor de ſua caſa, e de toda ſua grandeza ſeu filho Dom Antonio de Caſtro, a quem el Rey Dom Phelippe o. 1. deu o titulo de Conde de Monſanto de juro e herdade, com a Comendade Alcaçeua de Santarem. Foi do ſeu Conſelho do Eſtado, e Embaixador Extraordinario á Emperatris Dona Maria ſua irmá. Caſou com Dona Ines Pimentel filha de Martim Affonſo de Souſa, que gouernou a India. Teue, quatro filhos e por ſua morte ficou com o ſenhorio de ſua caſa ſeu filho mais velho o Conde Dom Luis de Caſtro, com todos, os grandioſos titulos da caſa de Monſanto. Caſou em vida deſeu pai, com Dona Meçia de Noronha filha herdeira de Dom Antonio de Noronha, que foi viſorrei da India. Teue fecunda geraçaó. A Dom Antonio de Caſtro, Dom Fernando, Dom Ioaó, e Dom Rodrigo de Caſtro, que morreraó mininos e Dom Aluaro Pires de Caſtro, herdeiro da caſa de Monſanto, oie Marquez de Caſcais, A Dom Franciſco de Caſtro, que morreo em Milaó com grandes ſeruiços e ſem nenhú premio: porque viueo em tépo que eſte ſe naó daua a virtude, ſenaó ao dinheiro. Teue muitas filhas, que viuem oie, e ſaó

as senhoras, Dona Francisca de Noronha, Dona Ioanna de Noronha Comendadeira do Mosteiro da Encarnaçaõ de Lisboa da Ordem de Auis. Dona Vilante de Noronha, Dona Guimar de Noronha, que morreo moça, e depois de muitos annos foi a cha do seu corpo inteiro e incorrupto, dando sy de suaue cheiro. Dona Innes de Noronha, e Dona Anna de Noronha. Estas senhoras estaõ todas recolhidas no referido Mosteiro, aonde proçedem com toda a religiaõ e exemplo, sendo singulares na virtude, reformaçam de vida, e authoridade de suas pessoas, de quem se podéra dizer muito, mas sua modestia naõ permitte dizer se mais.

Dom Aluro Pires de Castro herdou a casa de seu pai, com titulo de Conde Monsanto, e perpetuidade de todos os grandiosos cargos, que naquella casa se conhecem: cada hum dos quais he bastante pera illustrar huã familia, estessaõ. *Fronteiro mor de Lisboa, e seu Alcaide mor. Vedor mor do Reino, que antes se dizia Coudel mor. Couteiro mor de Alcantara. Senhor, Gouernador, e Capitaõ general das Capitanias de Ytamaraca, saõ Vicente, e de Santa Anna, no Estado do Brasil, Senhor*

e perpetuo Administrador dos Morgados de sãõ Matheus e de santo Eutropio, e senhor de muitas e grandes villas. Casou com Dona Maria de Portugal filha de Dom Nuno Aluares de Portugal, que foi filho 4. do Conde do Vimioso, e foi gouernador do Reino. Teue desta Senhora tres filhas. Dona Meçia de Portugal, Dona Ioanna de Portugal, e Dona Innes de Portugal. Por morte da Condessa, Dona Maria de Portugal casou segundas com a senhora Dona Barbora de Lima filha dos illustres Condes da Castanheira Dó Antonio de Atayde, General que foi das Armadas de Portugal, e Seu Gouernador, Embaixador Extraordinario ao Emperador de Alemanha Ferdinando, por el Rey dom Phelippe, e do seu Conselho do Estado, Senhor de grande entendimento, e singular prudencia, cuias grandesas pedem campo mais dilatado, e outra pena melhor, e da senhora Condeça Dona Anna de Lima dotada de ricas partes, illustre sangue, grande entendimento, particular discricaõ, modestia rara, e virtude exemplar. Liberalmente partiraõ, tam illustres progenitores, com a Marquesa de Cascais a senhora dona Barbora sua

vnica filha, Princesa de delicado entendimento, grande gouerno, muita capacidade, muita virtude, grande Christandade, e outros dotes dalma acõpanhados, dos da natureza, que com esta senhora senaõ mostrou escasa. Della ouue o Marquez huã filha, que foi fermosa criatura, que morreo depouca idade, e se chamou Dona Mariana de Atayde.

Esta foi a primeira flor deste matrimonio, que a cruel morte colheo no principio de sua primauera, mas querera Deos recompensar esta perda, com huã grande sucessaõ e illustre decendencia, pera gosto destes Principes, e conseruaçaõ de taõ nobre e antiga casa. Ouue mais o Marquez de Cascais, sendo solteiro, a Dom Rodrigo de Castro que esta na India, ea Dom Ioaõ de Castro que tem comsigo, filhos de mays muito nobres. Com este segundo casamento mostrou o Marquez mais ao claro as virtudes que nalma tinha, mediante os quotidianos actos que dellas exercita estes saõ. Grande amor de Deos e do proximo. A quelle, o aparta de tudo o que he graue offensa sua eo inclina a grande Christandade e Religiaõ, como proua areformaçaõ de sua pessoa, e exemplo de sua casa, aonde todos os dias a noite se resa o santo Rosario

em

em comunidade. Este, o inçita a singulares obras de amor e piedade, vendosse todos os dias a sua porta e dentro em sua casa, exercitos de pobres (que naõ ha para elles portas fechadas, e com resaõ, porque estes, abrem as de Ceo) aos quais ministra o pasto dalma edo corpo, comgrande deuaçaõ de iuelhos. Em outras maiores es molas he continuo, e perdoe a modestia deste Principe o falar tam publico noque elle mais oculta, mas auerdade he hum sol, que naõ pode estar es condida, e publicar o que se exprimenta, nunca foi culpa. Vltimamente, fas da verdade vida, da fidelidade honra, e da liberalidade o brigaçaõ, e sobre tudo sempre taõ grande Portugues, como se proua das apertadas instançias, que fes amuitos fidalgos, muitos tempos antes da acclamaçaõ gloriosa de sua Magestade, incitandoos, persuadindoos, e brigandoos com fortes e discretas resoés suas (ecra força serem suas) a buscarem a liberdade, e o remedio de nosso catiueiro nacasa Real de Bragança. Estas calidades, estas partes, este talento, e outras iguais propriedades cóheçeu el Rey nosso senhor, e todas o persuadiraó, aque conuinha a seu Real seruico, e ao bem doa Reino (que tanto applaudio a sua nomeaçaó) mandalo a França por seu

Embaixador Extraordinario.

Chamou sua Magestade sereníssima aó Conde de Monsanto, e sinificandolhe que era gosto seu fosse a França dar os pezames á Raynha viuua, e os perabeñs ao Rey minino. Aceteiou a merce com todo o gosto, e vontade, cortando por todos os inconuenientes, que apodiaõ impedir e disculpar, e naõ era o menor delles, deixar sua caza sem herdeiro, pendurada de huã delicada, e fermosa flor, e assistencia da ocupacaõ de seus cargos, sendo taõ principais, e de tanta importãcia. Venceo o Amor do Rey, e zelo do bẽ da Patria tantos e taõ iustos, e poderozos respeitos, e assi, logo tratou de se apresstar pera a jornada, que sem culpa sua tantos dias, se dilatou. Partiuse sua Magestade a Euora, naõ se es queceo o Cõde de o ir buscar, e beiar lhe amaõ pella merçe que lhe fez do titulo de Marquez de Cascais, que em dote selhe auia prometido, ea procurar com todo o cuidado, os expedientes da Embaixada. Estes, foi o tempo retardando tanto, que naõ foi possiuel concluiremse, senaõ no principio do mes de Feuereiro passado: pois sabado sete do mes referido, se acabou de pagar a Ioaõ Tener, Capitaõ da Nao vitoria Ingreza, o dinheiro do frete, edas de moras. Estas, na verda-

de foraõ grandes, mas todas ſe eſcuzaraõ, ſe ao Marquez ſe dera hũ galiaõ da Armada Portugueza, com baſtante numero de ſoldados: porque com iſſo, ſe conſeguiaõ tres vtilidades, quais eraõ. Menor deſpeza da Real fazenda. Mais ſegurança do Embaixador. E mayor reputaçaó de Reyno.

A preſtadas todas as couzas pera o caminho, eſtando o tempo contrario, ſegunda feira oito de Fevereiro, ſe embarcou o Marquez na Nao victoria, Vazo grande de quatrocentas toneladas, forte, com trinta e quatro peças de artelharia, emque entrauam algũs canhoẽs, que diſpediam pelouro de dezoito arrateñs. Nam deteue em ſua Caza ao Marquez a descomodidade do tempo, nem a geral feſta de terça feira ſeguinte: porque ó eſtimulaua outro motiro mais alto, qual era ogoſto de obedeçer e ſeruir a ſeu Rey. Paſſou odia ea noite embarcado, ſem tornar mais a terra, e dia de ſinza pela manhã, veo Dom Ioaõ de Almeyda a vizitalo, ea entregarlhe ſeu filho, o qual com grande goſto offereçeo ao ſeruiço de ſua Mageſtade, obrigaçaõ deuida a ſeu ſangue, e fiel zelo de ſua fealdade. Paſſouſe o dia, que nunca pareçeo Mayor, pellos dezeios da partida. A quinta fei-

ra peila manhã se fez lista da gente que passaua a França em companhia do Marquez, e se acharão as seguintes pessoas embarcadas. Dom Ioam de Castro filho natural do Marquez. Dom Diogo de Almeyda, Fernam Telles de Menezes, ambos moços fidalgos da caza de sua Magestade, illustres por seus pais, e Auós, dotados de boas partes; e Caualeiros da ordem de Christo. Dom Ioam Garcia de Castro Minino de pouca idade, filho de Dom Garcia de Castro. O Doutor Manoel da Nobrega Dezembargador do Porto, Caualeiro profesſo da Ordem de Christo, Secretario da Embaixada, pessoa graue e douta, e com grande talento pera satisfazer as o brigaçoẽs de officio taõ honrado. Monsiur de Lauier fidalgo Frances, pessoa douta e graue do Conselho del Rey Christianissimo, grande amigo dos Portugueses e da verdade. Monsiur de Lsart Engenheiro mor de Portugal, Caualeiro profesſo da ordem de Christo.

Nam autorizaraõ menos esta Companhia, á de muitos, e graues Religiozos da Orden de sam Domingos, que hiam pera differentes partes de Europa, quais eram, o Padre frei Fernando de Menezes sogeito de grandes partes, doado de grandes Letras e de grande a bilidade, Prezentado

zentado em Theologia. O Padre frei Gõçallo da Gama Lente de vespora do Collegio da Raynha Dona Catherina pessoa, grave e Religioza. Ambos estes padres nauegauaõ pera Roma por deffinidores do Capitulo generalissimo, conuocado por ordem de sua Santidade. O Padre frei Diogo do esperito santo Reytor do Collegio dos Padres Hibernios da fangas da farinha em Lisboa. o Padre frei Duarte Nogle, ambos religiosos de virtude e letras. O Padre frei Manoel Homem Confessor do Marquez Embaixador, sogeito emtudo desigual, e inferior aos nomeados. A fora estes sinco Religiozos Pregadores, se acharaõ mais dous, hum, Religiozo da ordem da santissima Trindade; outro da ordem de sam Francisco. Acharaõ, se mais, sincoenta criados do Marquez, em que se contaraõ: Mordomo, Saluador, Pinheiro criado antigo da casa, actual mente Capitam da Fortaleza de sam lourenço da Cabeça secca, pessoa de grande experiencia, e qualidade, e que portal foi seis annos Capitam mor e gouernador da Capitania de Itamaraca, no estado de Brazil e Alcayde Mór da Villa de nossa senhora da Conceiçaõ na dita Capitania, naqual fez a sua Magestade grandes seruiços fortificandoa e defendendoa aos Olandezes por

Largo tempo, com grandes empenhos de sua pessoa e fazenda, eque nesta jornada me acompanhou ao Marquez com licença de sua Magestade. Veador de sua caza, Martinho da Sylua Capitaó de Infantaria. Mordomo de Fazenda, Antonio da Cunha da Fonseca, Caualeiro professo da Ordem de Christo. Estribeiro, o Capitam Ioam de Gandara de Azeuedo, pessoa de respeito, e com muitos annos de seruiço, em differentes partes e armadas. Secretario, Ioam Carrilho de Medeiros. Secretario da puridade, Luis Tauares da Sylua. Secretario de Lingoas, o Capitaõ. Guilherme Husch Consul dos Alemaís em Portugal por sua Magestade. Camareiro, Dom Francisco Adorno Genoues. Guardas de pessoa, Ioam Lopes, e Iorze de Ceita. Mestre sala, Clemente de Brito. Gentis homés, dezaseis. Doze moços da Camara. Quatorze Furrieis e Contralores, que sam os Reposteiros da Cama e da prata. Quatro Copeiros. Quatro moços da Copa, Lacayos, Muchilas, e outra muita familia.

A esta multidaõ se aggregou outra de estrangeiros passageiros, como eraó Francezes, Ingrezez, Biscainhos, Italianos, Portuguezez, e de outras varias naçoẽs, que passauam de qua-

renta, aquem o Marquez mandou dar de comer em toda a viagem, com grande abundancia, porque foi grande o prouimento, como seuio nos muitos sobejos, que se acharaõ na Arrochela, os quais todos se deraõ erepartiraõ pellos Conuentos pobres da Cidade, e per muitos Portugueses necessitados, que sevinhaõ da Catalunha, Flandes, e de outras partes, pera Portugal.

Com toda esta grandeza, examinados pello Tenente da Torre de saõ Viçente de Bellem os passaportes de todos os passageiros no dia referido, que foraõ onze de Feuereiro as quatro horas datarde, mandou o Marquez Embaixador dar a vela, fazendo o Nauio salua com finco peças de artelharia a sua quinta, naqual deixaua sua excellencia a Marqueza. Ventaua o Noroeste vento contrario, o dia estaua a legre, engano, que persuade aos Cortezaõs de Lisboa, os quais tanto que vem bomdia pera enxugar roupa, logo, julgaõ in discreta mente, ser a monçaõ boa pera navegar pera França, pera a qual se naõ caminha, senaõ com ventos Mareiros. Passamos pella Torre de Bellem aquem a artelharia fez cortezia com quatro peças, aqual lhe pagou comigual correspondencia, e como aconiunçaõ nam era pera sahir da Barra, fomos

surgir na enseada de santa Catherina de Ribamar as Auemarias.

A noite sepassou em alegrias, e festas, com grandes dezeios de nauegar pera França, os quais naó conhecia á cega inueja, antes inaduertida affirmaua, que o Marquez, nam queria seruir a sua Magestade nesta Embaixada, sendo, que as grandes des pezas que fez de sua fazenda, e vidente mente persuadiam o contrario, mas o invejozo sempre erra nos discursos. Certificouse esta verdade, quando Pilatos perguntou aos Iudeus pellas culpas de Christo. *Quid enim mali fecit homo iste?* diz o Euangelista sam Matheus, no capitulo vinte e sete. Quer dizer, que mal tem feito este homem? E a vendo elles pera bem de responder: Cometeo estas, ou aquellas maldades, o disparate e dispropozito com que responderam foi. *Crucifigatur.* Crucificayo. Que mais errado discurso? Que reposta mais ignorante? que satisfaçam mais neçia? pois quando o luis pergunta pello de licto do Reo, responder acuzador com a pena?

Como ficaria contente, gd.o de encontro este dezproposito.

E tornando ao fio do intento. Antes dos entretinimentos ordinarios, se rezou na Camara de sua excellencia o terço santissimo do Rozario de juelhos, com a Ladainha da virgem senhora nossa,

noſſa, que em toda a Ordem dos Pregadores ſe canta todos os ſabados. Eſta ſanta devaçam, (tam poderoza com a Diuina Mageſtade, como a experiencia moſtra, e autorizam tantos liuros cheyos de milagres) ſempre ſe continuou na jornada com grande feruor e piedade, por toda a familia do Marquez, e dos mais companheiros e aggregados. Naõ ſeruio de piqueno eſtimulo pera eſta ſanta ocupaçam o e ſpiritual exerçiçio, que na Camara do Marquez ſe fez todos os Domingos, quartas, e ſeſtas feiras, nos quais alternatiuamente pregaraõ os Padres Frei Manoel Homem, e Frei Diogo do Eſpirito ſanto, com grande fruto das almas. Amanheçeu a ſeſta feira (que foram doze de Feuereiro) alegre e formoza, e picando o vento mais fauorauel ſe foi a Nao preparando pera a partida, e recolhidos os Botes dentro, de pois do Meyodia, as velas desfraldando o Ceo ferimos, dizendo Boa viagem, logo o vento, nos troncos fez o uzado mouimento. Paſſamos a forte praça de ſam Giam, aquem ſaluamos com tres peças, aqual reſpondeo com outras tantas, com balla. Seguiam noſſa companhia hum nauio Portuguez com duas Carauellas, que a o terçeiro dia perdemos deuiſta, por nauegarem pera o

Brazil, e outro Nauio Olandes, que se Chamaua o Caualo negro, de vinte e duas peças de artelharia, de quem era Mestre e Capitam, Abrahen Gursen, que Caminhaua pera a Rochela.

Assi fomos saindo a Barra pella carreira de Alcaçeua. Auista da Villa de Cascais, comessou o Noroeste aventar tam tezo, que em breue espaço perdemos de vista a fresca serra de Sintra, e ia depois que de todo se escondeo, nam vimos mais em fim, que mar e Ceo. Perdemos de todo a vista da terra e a lus do dia, com a presença da noite, que se veo cerrando tam tempestuosa e escura, que podera ser medonha na terra, quanto mais no mar brauo, aonde as ondas pareçiam mótes, e os ventos Leões bramidores. Nam ouue noite nem mais comprida, nem mais triste, e foi tam grande a tormenta, que a todos priuou do natural repouso. Eraõ os ventos furiosos e contrarios, e nos derrotaraõ tanto aquella noite, que ao sabado pella manhã, nos achamos muitas legoas aomar. Sempre nauegamos com ventos fortes e contrarios, os quais duraram quatorse dias, e caminhauamos com tal ordem, que de dia, nos faziamos a terra, e de noite, aomar. Assi fomos leuados de sua braua furia, correndo

tantos mares, que em pouco tempo nos á chamos agilauento das Ilhas, e em voltas aomar, e voltas a terra, andamos mais de seis centas legoas. Seguia nossa derrota. O Caualo negro Olandes. Na noite da terçafeira (que foraõ de safeis de feuereiro) tiuemos segunda tormenta de vento Norte, taó grande, que muitos cuidaram, que nos perdiamos. Durou vinte e quatro horas.

Terça feira vinte e tres de feuereiro, soube o Marquez pello Capitam da nossa nao, como o Caualo Negro fazia muita augoa, pella grande quantidade, que lançaua pellos embornais da bomba. Mandou logo, a Antonio da Cunha da Fonseca seu mordomo da fazenda, eo Capitaó Guilhelme Husch, Interprete da Embaixada, que fossem no Bote saber do Olandes como passaua. Chegados aelle, Souberam como hia falto de matalotajem: porque tendo dados vinte mil reis á hum estrangeiro, que viue em Bellem pera o prouimento, elle se descuidou tanto, que nam querendo o Olandes perder a nossa companhia, foi força partir sem o neçessario. Estauaó todos em aperto por falta dos temporais, & tornandose os nossos bem informados, o Marquez mandou com grande largueza soc-

correr aos necessitados. Elles nos seguiram mais dous dias, e como o seu batel estaua quebrado, e aprouisáo se deminuia, ia quasi noite se fes nauolta da terra fasendonos hum forol, pera que o seguissemos, o que nam quisemos faser: por que a derrota era temeraria, e só na necessidade tinha o Olandes a disculpa, enos nam: porque so bom tempo nos faltaua, e nem por perder a sua cõpanhia ficamos de peor partido, pois melhor he soo, que mal acompanhado. Neste tempo estauamos na altura de Biscaya, que pera os Portugeses, nam he oie porto muito seguro.

Os tres dias seguintes, que faltauam pera dispedir Feuereiro, cursaram sempre ventos da terra, tam contrarios, que nos obrigauam a hir ao mar, e como andauamos tristes, e pouco animados (que nam ha couza que mais que brante, que huá roim viagem) tudo era pedir efficaz mente a Deos, que se compadecesse de nossa affliçam e trabalho, pois caminhauamos em seruiço seu, ede hum Rey, todo feitura de sua poderoza maó. Foi seruida a diuina Magestade de ouurir nossas iustas petiçoẽs em cumprimento de sua palaura, pella qual se o brigou a ouurir e soccorer aquem por elle chamasse

de

de Coraçam. *Inuocabitis me, & ego exaudiam, dis o Propheta Hieremias cap.29.* Entrou Março brando ca morozo, cursou o vento fauoravel, que nos auizinhou mais â terra, da qual andauamos muito apartados. Assi, nauegamos dous dias, mas como o tempo tem por natureza ser vario, cos gostos saim de pouca dura, na noite da quarta feira pera a quinta, tiuemos, huã grandissima tormenta mayor que as duas passadas, e á naõ ser a Nao noua e forte, sem duuida que todos perigauamos. Foi o rigor grandissimo e particularmente de noite (continuando quasi toda amanhã de quinta feira, que foraõ tres de Março) com grandissima furia e braueza.

Sua Excellençia afflicto, mas nam dezanimado, fez voto publico á virgem nossa senhora do Razario (de quem he grande de voto) que se fosse seruida de nos dar tempo fauoravel, solenemente lhe prometia de todos os primeiros Domingos de cada mez, (dias dedicados a veneraçaõ de santo Rozario, ricos com muitas indulgençias) em quanto durasse a Embaixada, fazer huã festa publica. Os de sua familia taóbem senaõ discuidaraó, porque offereçeraó as Almas do fogo do Purgatorio (de-

vaçam muito poderoza com a Diuina Mageſtade) tanto que chegaſſem a terra grando quantidade de Miſſas.

Como foi a tempeſtade tam terribel, ſiquou a gente muito enfraqueçida e quebrantada, pedindo toda encareçida menre a ſua Excelençia foſſe ſeruido mandar ao Piloto que tomaſſe a Ilha de Belilha diſtante da Rochela trinta legoas. Aſſi omandou o Marquez ao Meſtre Capitam da Nao, pellos grandes dezejos, que todos tinham de ſe verem liures do perigo, tomando algũ porto de França. Chegaram noſſas petiçoés ao Ceo, e foram muibem deſpachadas, porque logo a tormenta abrandou, e ceſſou o vento contrario. Moſtrou ſe o dia mais alegre, e foi portodos bem reçebido e feſteiado. Todos reçeberaõ nouo alento, e grandes eſperanças deçedo ſe auerem deuer em terra com deſcanço. Liures os animos de cuidado, e com mais repouzo o iuizo, teue lugar o de hum diſcreto pera em lembrança de tantos riſcos paſſados, formar o ſeguinte ſoneto, no qual ſente auer deixado o deſcanço naterra pellos perigos do Mar.

Porque nam mereçia o que lograva,
Deixei como ignorante o bem que tinha.

Vim sem considerar a donde vinha.
Deixei sem a tentar o que deixaua.
Suspiro agora em vaõ o que gozaua,
Quando naõ me a proueita a pena
minha:
Que quem errou, sem ver o que cõuinha:
Ou entendia pouco, ou pouco amaua.
Padeça agora e morra suspirando
O mal que passo, o bem que possuia,
Pague no mal prezente, o bem passado,
Que quem pode e naõ quiz viuer gozando;
Confesse que tal bem nam mereçia:
E morrera ao menos Confessado.

Determinados os Nauegantes a tomarem a Ilha de Belilha, foram caminhando alguãs horas, e sondando o Piloto o Mar, a instançia de algũs Franceses, ao sabado sinco de Março (das duas pera as tres horas da tarde) pella terra e area que a sonda trouxe, se conheceo clara mente, que a Costa de França estaua perto, e a Nao em altura de 36. braças. Entendeu se tam bem, que tinhamos passado a Ilha de Belilha, que com tanta ançia buscauamos, sem entender o mal que nelha tinhamos, como a Relaçam mo-

straraõ ao diante. Ficaram todos com esta noua pezarozos e tristes, pois naó chegauamos a Rochela, e perderamõs a Ilha que dezejauamos. Foi grande aliuio pera a pena (que todos sentiam) dizer o Piloto, que naquelle dia auiamos de auistar terra de França acudiunos melhor vento, com que fomos alguãs horas nauegando, quando as quatro da tarde, dous Marinheiros, que hiam na Gauia, gritaram forte mente terra, terra.

Deramnos estas nouas, noua vida, e reconhecida bem a terra, viuse que era a Ilha de Dieu (que em Frauçes querdizer de Deos) situada abanda do Norte, distante quatorze legoas da Rochela. Teuesse por feliçe pronostico vermos em sabado dedicado a Nossa senhora, huã terra que se chama de Deos. E considerando as circumstancias, de ser o dia vespora do primeiro domingo de Março dedicado as proçiçoẽs e festas do santo Rozario (o qual todos os dias anoite rezauamos de iuelhos, com sua Ladaynha na Camara do Marquez) tiuemos por certo ser esta merçe da Virgem senhora Nossa, a qual nunca falta aquem de Coraçam a chama em suas necessidades.

Sirua o remedio da nossa, de poderozo ef-

feito

feito de seu diuino poder, e seja admirauel exemplo pera mais afferuorar seus deuotos na celestial deuaçaim do seu santo Rozario. Tem esta senhora por condiçaõ soccorrer nas afflições e trabalhos a todos a quelles, que de verdade a buscaó, com o diz o Padre sam Bernardo no 2. sermaó da sua Natiuidade por estas palauras. *Sileat misericordiam tuam o Beata virgo, si quis te inuocatam in necessitatibus suis, sibi meminerit defuisse.* Querdizer. Bem a venturada virgem, ponha perpetuo silençio em vossa misericordia, negue vos o serdes may de Clemencia e piedade, todo a quelle, que chamandouos em suas necessidades disser, que vos lhe naó acudistes. Estas palauras es creuaó no Coraçaõ todos seus deuotos, que naõ ha mais graue testemunho da misericordia grande da may de Deos, que este, que nos dá o santo.

Como a Ilha de Deos se auistou tarde, passamos porella ia quazi noite, e reçeando os Pilotos Françeses, que passauam pera França em nossa companhia, que o Ingres desse em hũns baixos, que estauaõ alem della seis legoas. Foi couza admirauel, que sendo o vento Oesnoroeste muito rijo, assi se a brandou (depois de rezarmos o santo Rozario, pedindo á Virgem se-

nhora Nossa nos liurasse de perigo) que fomos nauegando tam pouco, que podemos passar os baixos ia com a luz da manhá, nos quais detamos sem falta, se o vento denoite continuara tam forte, mas tudo foi milagrozo, como sepode crer piamente. O Marquez sonhou anoite antecedente, que na seguinte, nos perdiamos, o que elle reuelou quando vio o Ingres piloto resoluto em naõ mudar aderrota, contra o que os Françeses profiauaõ, o quais diziaõ bem, eo ingrez quasi sempre foi areado.

Ao Domingo que foraõ seis de Março, acordou o mesmo vento que tinha dormido, e asoprou com tanta furia, que em poucas horas vimos a Ilha de Rey, que dista da Rochela tres legoas. He esta Ilha huá grande pouoaçam, repartida em tres Aldeas que teram, quazi tres mil vizinhos, e sete legoas de comprido, e tres de largo. He mui abundante de vinhos, mas roins, porque sam verdes e azedos, e como estas terras nam dam outros, interessa esta tanto nelles, que a fazem grandioza e rica. Nella tem mais de seis mil cruzados de renda o Conuento de sam Miguel do ermo da ordem do Patriarcha sam Bento. As Aldeas se chamam sam Martinho, que he a primeira a segunda Ribedeou. A terceira santa Maria.

Perto de Ribedeou está huá grande fortaleza junto ao mar aquem chamam o forte da praya. He praça forte e grande, tem sinco Bastioés com sincoenta e tantas peças de artelharia, e he de tanta importançia pera defensa da terra, que no anno de mil e seis centos e vinte e sete (sendo sitiada pella armada dos Ingrezes de cento e tantas vêlas, deque era General o Duque de Bouguinghá,) rezistio valentemente ao poder do inimigo, o qual nam effeituou couza alguá, antes recebeo grande dano, tendoa cercada tres mezes. Nesta paragem surgimos quazi ao meyo dia em sinco braças de altura. Disparou a Nao tres peças, e logo depois outra, que serue de auizo pera os barcos da Rochela virem a bordo; os quais tardaram e nam acudirá. Foi o erro do ingrez, que ouuera de disparar toda a artilharia, pera se conhecer que vinha ali Embaixador e pessoa grande: porque o outro estilo, he dos Nauios Mercantis.

A qui estiuemos surtos, todo o Domingo a terça feira pella menham. Na da segunda, que foram sete de Março, disparou o forte sincoenta peças de artilharia por festeiar o Marquez, e logo ueyo Monsieur de la Fux tenente do forte do Mar em auzençia do Duque

de Brezé vizitar o Marquez por ordem expreſſa que tinha ſua. Era o Tenente peſſoa graue. Vinha veſtido de gráa apaçamanado de ouro. o Marquez o crecebeo com a cortezía que cuſtuma. O Tenente lhe deu as boas vindas da parte do Duque, e lhe offereçeo a praça a ſeu ſeruiço, eſendo reſpondido com todas as palavras cortezes ſe diſpedio do Marquez, e metendoſe no batel da Fortaleza, foi feſtejado com ſete peças de artelharia. Monſieur de Lanier acompanhado de Antonio de Cunha da Fonſeca Caualeiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e do Capitam Guilhelme Huſch, e de outras peſſoas, ſeparti-ram no Bote da Nao pera a Rochela a dar auizo ao gouernador das torres, Prezidente da juſtiça e a outras peſſoas graues da parte do Embaixador.

Poucas horas depois de partidos, hũ Nauio ingres de que era Capitam Ioam Vilquel, que eſtaua ſurto no porto, a onde auia chegado aueria tres dias de Inglaterra, quando vio a Noſſa Nao ingreza cuidando que ſeria da obediencia del Rey enam parlamentaria como a ſua, nos veyo reconhecer com todas as velas dadas. O que viſto pello Meſtre da noſſa Nao, obrigado da meſma duuida de quem o buſcaua, mandou

logo

logo por toda agente em arma e preparala pera a peleija. Naõ deixou de parecer o nauio Ingres a algũs dos nossos carrancudo : porque o inimigo ao perto nam he fermozo, mas foram tam discretos, que reuestiram o seu a balo com rezoẽs de melhor conueniençia, e nam com demonstraçoẽs covardes : porque diziam alguns, estas formais palavras. Nam viera este bebado brigar com nosco, quando nauegauamos no mar alto, senam agora que estamos a vista de terra ? Ena verdade tinham rezam : porque he grande desgraça fazer naufragio no porto.

O Marquez que estaua na cama indisposto, logo se leuantou e sahio as Conues, com muito animo e brĩo, com huá espada e rodela, cuja vista infundio forças nouas e valor nouo a todos os nauegantes. Nam he o esforço alheo deste Principe, todos o sabem, e seus honrados, sucessos (quando na menor idade) o prouam. Certificado o Ingres temerozo, que o Mestre da Nossa Naõ era da sua confraria (era a sua do parlamento) logo veo visitar ao Marquez, o qual o recebeo na sua camara benignamente, naqual ouue brindes ingrezes sobre doçes de Portugal. Ali, nos disse como havia quatro dias que passando pella Ilha de Belilha (que nôs

tanto dezejaramos pera aliuio e descanço) encontrara quatro fragatas de Dunquerque, e huá de Biscaya, que de propozito nos estauam esperando. Destas, nos desviou Deos milagrozamente aquem rendemos as diuidas graças, por nos liurar de tam evidente perigo. Foi se o Ingres, enos fiquamos esperando recado da Rochela, quenam veyo a quelle dia.

A Terça feira, que foram oito de Março, leuou a nossa Nao ferro, e foi surgir duas legoas á vista da Rochela. Logo chegaram Barcos da terra nos quais se embarcou sua Excellencia comparte de sua gente, pornam serem capazes de toda, disparando anao trinta e quatro peças de arthilharia, e meya legoa antes da Cidade, o estauam esperando as pessoas mais graues della, com todos os coches que na cidade auia, bem conçertados, em hum dos quais (depois de o Marquez dezembarcar, e ser recebido com toda acortezia e applauzo) semeteo, com Monsieur de Lescale Presidente da justiça, Tribunal de vinte e tres Dezembargadores, que responde á caza da supplicaçaim do Porto. Monsieur de Bulhon veyo no Coche de seu tio Monsieur de la Tousche, Gouernador das Torres, e em seu nome, porquanto hauia quarenta dias que estauadoente.

Vieram mais outros fidalgos e peſſoas de conta de lugar a receber o Embaixador, o qual com todo eſte acompanhamento e grandiſſimo concurſo de toda a ſorte de gente, com geral a legria e applauzo, logo foi direito ao Antigo Conuento de Saó Domingos dar as graças a virgem noſſa Senhora do Roſario, pello trazer a ſaluamento, e da qui, Foi leuado as cazas que lhe tinham preſtes. Vieram todos os Prelados das Religioẽs e peſſoas autorizadas da Cidade a viſitalo, e darlhe operabem de ſua vinda. As Madamas neſta occaſiam ſenam diſcuidaram, por que galantes e enfeitadas a ſeu vzo, tambem fizeram ſua vizita, e receberam dos Portuguezes a paz de França, emque ellas ſam mais ſingellas, que auaras. Ejaque eſte lugar he o primeiro da Franceza Monarquia, parece couza conueniente, pera diuertimento de quem ler, dar huá breue Relaçam da Terra, da gente, e de ſeus cuſtumes, porque alguns ſam particulares enotaueis.

Hea Rochela huã Cidade grande de quatro pera ſinco mil vizinhos, os mais delles hereges Calueniſtas e Lutheranos. Os outros ſam Catholicos, fieis, verdadeiros, reformados, e deuotos. Frequentaó muito as Igreias, aſſiſtindo a te as vel-

poras e completas, a onde estaõ com grande attençaõ e deuaçaõ, sem se ouuir huã so palaura na igreja, cousa de grande exemplo e edificaçaõ, que aos Portuges deue de faser grandes inueias, e lembraremse, alguns descuidados, que goardam as historias pera os templos, (com escandalo dos deuotos, e perturbaçam dos Sacerdotes) que a casa de Deos, he casa de oraçá, e naõ de ociosidades illicitas, que escandelisam e offendem.

He amissa hum verdadeiro retrato do Paraiso, a donde os ouuintes deuem de estar com todo o respeito e quietaçam, e imaginar que nam estaõ na terra entre os homés, senaõ no Ceo entre os Anios, dis o Padre sam Ioam Chrysostomo, liuro 3. de Sacerdotio. O Padre santo Ambrosio, no liuro 3. de Virginibus, no principio, escreue de hum santo Sacerdote que iunto a huá lagoa resaua o officio Diuino, as Rans com suas confusas e importunas voses o perturbanam e diuertiam, mandoulhe o seruo de Deos, que se calasem, e logo fiseram grande silencio. Infere o santo dizendo. *Silent paludes, & homines non silebunt?* Querdizer. He possiuel que as Rans emmudeçam, e que os homens nam se calem? Sam os palreiros nas igreias peores que

Rans,

Rans. Por isso o Concilio quarto de Rauena, celebrado em Bolonha em tempo de Ioam vigesimo segundo, manda, que em quanto se diser huã missa, se nam diga outra, por nam auer na Igreia inquietaçam e rebuliço. E o sagrado Concilio Tridentino, na Sessaõ 22. das cousas tocantes a Missa, manda a os Superiores, que e vitem e prohibaó todas as conuersaçoĩs na igreia: porque como he casa de Deos, he pera orar e nam pera conuersar.

Esta doutrina obseruam grandemente os Catholicos da Rochela, e os mais de toda a França, nam falando nunca nas igrcias. Pode muito e zelo do seruiço de Deos, elle nos diuertio, e elle nos redus ao assumpto presente. As igreias sam pobres e pouco ornadas. Os mais dos Moradores sam officiais e tendeiros. Os hereges sam os mais ricos, que sempre o Demo aiuda os seus. Mas com tudo, nam podem ter Officios na Republica; justo custume; santa lei, feita por Luis terseno Rey de França, poderoso meio pera a reduccaó demuitos. Assi se obserua entre os Franceses. Tem sete conuentos de Religiosos pobres, e muito reformados, como sam Dominicos, Franciscanos, Agostinhos, Carmelitas, Capuchos barbados, Padres da Companhia, e os de

sam Ioam de Deos. Ha dous mosteiros defreiras, huãs da ordem de santo Agostinho, que tem por obrigaçam curar as molheres doentes da Cidade em certo numero, e pera este effeito tem huã enfermaria contigua ao Conuento com porta per dentro, pordonde vem a seruir as enfermas. As outras Religiozas sam Carmilitas Descalças, gente muito reformada, e neste mosteiro se recolhem as donzellas mais nobres da Cidade.

As molheres todas andam pella rua apé, ou em Coche, conforme sua possibilidade. Andam soos sem companhia de criados. O seu modo de vestir he pouco a paratozo, e nam tam a praziuel e autorizado como o de Portugal. Nas cabeças vzam de huns lenços de tafeta negro franzidos por detras, e por diante se sustenta com duas pontasque ataõ de baixo da barba. O mais vestido consta de mangas largas, e a saya de muitas pregas, a qual trazem tomada em sima pellas pontas, pera assi andarem com mayor facilidade. Sam os fatos muito curtos, todas calçam meias esapatos, com grande salto de pao. A gente Catholica pareçe singela e sem refolho.

A Cidade he grande no circuito, mas nam nos edifícios. Está toda assentada em campo ra-

zo (que em toda a França naó ha moñtes) com ruas largas edireitas. He abundante depeſcado, mas muito molle,e nam tam ſaborozo como o de Lisboa:porque he de Lodo,enam de pedra, ou area.

He muito prouida decarnes e de Leite. As tres principais couzas,e mais vzuais pera a vida humana, ſam roins, eſtas ſam: Pam, vinho, e agoa.Teue eſta terra grandes e frotes muros, como ſe ve na ruina delles, com que ſe defendeo mais de ſeſſenta annos,contra os Reys de França ſeus ſenhores, a te que el Rey Luis treze, aquem chamaram o Iuſto, os mandou por por terra, quando rendeo a Cidade de pois de hũ porfiado cerco, que durou quaſi tres annos. Deixou em pe duas fortes, e altas Torres, com hum grande molle por entre as quais paſſam Nauios a vela pera ſurgirem no Porto. Eſtam bem prouidas de artelharia, e da que fiqua da banda do ſul,corre hû largo lanço de muro, ó qual vai fechar em hum forte e apparatoſo Caſtello,noqual ſempre ha companhias de goarda.Abarra he larga,mas nam muito alta,poriſſo as naos grandes naó chegaõ ao mole, mas lançaó ferro duas legoas antes, aonde naõ ficaó ſeguras,nem goardadas.

Na Cidade ha liberdade de conciençia. Os mais dos Hereges sechamaõ Hugonotes, que querdiser, gente vil e baixa, conforme o sentir de huns, e segundo o parcer de outros, he deriuado do primeiro Dogmatista, que se chamou Hugon. Estes tem hũ profano Templo emque se aiuntaõ tres dias na somana pella manhã, que sam Domingos, terças e sestas, ea li lhes faz suas praticas hum seu predicante, ensinandolhes mil erros e dezatinos. Na occaziam emque estiuemos neste lugar, toda apregaçam de huá sesta feira, foi persuadir aos ouuintes, que nam hauia na ley de Deos preçeito de castidade e continencia, senam que cada hum podia satisfazer seu sensual apetite a sua vontade. Doutrina he esta Diabolica e Heretica, contraria totalmente a Ley de Deos, o qual no sexto preceito do Deccalogo, prohibe a communicaçam sensual forado estado dos cazados, como santo Thomas insina, na 2. 2. quæst. 37. Art. 3. Ena quest. 123. Art. 6. explica, que todos os actos da luxuria de liberados, assi exteriores, como interiores, sam illicitos, e peccaminozos contra o seisto preçeito do Deccalogo, e contra a doutrina Catholica. Com muitas rezoés e argumentos puderamos demonstrar esta verdade, o que deixamos de fazer por

dous

dous reſpeitos. O primeiro porque eſcreuemos pera Catholicos, que profeſſam eſta verdadeira doutrina. A ſegunda, porque Relaçoés ſingellas, nam permittem queſtoés eu diſputas.

Quinta feira pella menhá, que foram déz de Março, foi o Marquez com toda a ſua familia, ao Conuento de ſam Domingos dar as graças á Virgem Senhora Noſſa do Rozario por tantas merces, quantas nos tinha feito trazendonos a porto ſeguro ſaõs e ſaluos. Confeſſouſe e comungou o Marquez com todos os de ſua caza em huá Miſſa ſolene offertada com ſeis doброés. Satisfeita a ſua promeça de vir em romaria a ſua caza, foiſe á dos Padres da Companhia, que do dia dantes o tinhaó conuidado. Foi o Marquez pellos Padres muito feſtejado com todas as demonſtraçoés de Amor e cortezia. Entramos em huá fermoza Aula, na qual eſtaua ſobre hú trono decentemente colocada huá imagem del Rey Dom Ioam o quarto noſſo Senhor, e diante della, ſe fez hú dialogo de muitas figuras, que em differentes lingoas aſſi emproza, como em verſo diſſeram grandes louuores de ſua Mageſtade ſereniſſima, agradecendolhe muito mandar a França por ſeu Embaixador hum Principe tam illuſtre e tam grandiozo.

Eram os representantes moços estudanes de pouca idade, mas de muita viueza, vestidos de seda de varias e alegres Cores, com que o acto teue que ver e ouuir. As lingoas em que se representou sam as seguintes. Latina, Françeza, Italiana, Castelhana, Escoçeza, Biscainha, Grega, Aleman, Portugueza, Ingeza, Framenga Irlandesa: A festa feira que foram onze do més, foi o Marquez Embaixador vizitar a Monsieur de la Touche Gouernador do Castello que estaua doente, e a o entrar delle disparou toda a artilharia das Torres, que he muita e grossa, e huá companhia posta em ala, que lhe fez por tres vezes salua com toda amosquetaria, modo de festejar aos Reys de França, quando entram nas suas praças. Recebeo o Francés a sua Excellencia com muito amor e cortezia, e depois de algũ espaço se tratarem por interprete, offereceo ao Marquez huá merenda composta de muita variedade de frutas verdes, muito boas e de doces de Portugal (que em toda a parte se estimam) e outros aouzo de França. O Marquez por cortezia tocou leuemente hum prato, comque nam faltou, nem á obrigaçam do jejum, nem a vrbanidade e policia. He este Gouernador hũ Fidalgo honra-

do de grande experiencia e valor e á dez annos que assiste esta praça. Mostrouse tam cortés có sua Excellençia que do dia que chegou a te o penultimo da partida (que foram dez) mandou sempre o seu Tenente a pedirlhe o nome pera a guarda da Praça e do Castello, grande preeminencia devida aos Principes, e portal nam impropria ao Marquez. Ambos se prezentearam, mas com esta differença que o Frances o brigou com frutas do tarde estimadas e saborozas, e o Marquez se dezempenhou compeças de valor e preco. Fez o Marquez esmola a todos os Conuentos e mosteiros de freiras e a alguãs pessoas pobres particulares, com a piedade e liberalidade que costuma.

Nesta Cidade achamos huñs ingrezes, que partiram de Lisboa diante de nós algũs dias, e nos certificaram que passando o cabo de Finisterra encontraram dez Fragatas de Dunquerque, as quais lhes preguntaram pello Marquez Embaixador se ficaua a inda em Lisboa, ou se era ja partido. Elles e nós entendemos que estes inimigos nos vinhaõ esperar de proposito e reixa velha, como la dizem. Demos infinitas graças a Deos por nos liurar de perigo tam claro e euidente, porque nam ha duvida, que contra

tantos inimigos tam apostados a nos catiuarem ou distruirem, era partido mui inferior e desigual, huá só Nao ingreza, e ainda que o valor do Marquez he tam grande, e o dos mais Portuguezes nam pequeno, como a briga hauia de ser com tantos, sempre o vencimento hauia de ser arriscado e perigozo, e nem das forças humanas se pudera fazer nesta ocaziam, segura confiança, como la diz o Poeta,

que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente,

Consideramos nesta occaziam a fraqueza do juizo humano, e conhecemos o poder e saber infinito da Prouidencia Diuina. Sentiamos os ventos contrarios por nos parecer hia arriscada a vida, e se elles nam foraó a morte e perdiçam estaua certa. Parecianos que caminhauamos perdidos e Deos querianos seguros e ganhados. Cuidaua o limitado saber humano que estauamos longe do descanço e a Diuina Clemencia assi nos guiaua a Porto seguro. A este intento vem mui a iustado hũ prouerbio Castelhano, e pera sua verdadeira intelligencia he necessario diuertir hũ pouco do a sumpto.

Ouue nos tempos passados em Merida, Cidade de Castella, (que nos primeiros tempos foi

foi cabeça da antigua Lusitania) hum homẽ que degenerando de seu bom sangue, cometteo algũs crimes viz e atrozes. Por estes foi condenado empenas graues e infames, e vltima mente degradado oito annos pera as Indias de Castella. Nellas esteue muitos e enriqueçeo de maneira (por meyo de hú cazamento e industria sua) que tornandosse a Castella, na Corte de Madrid cazou seus filhos nobremente e pera si, comprou hum titulo: porque a li tudo se vendia. Recolheusse a Merida, pera passar nella honrado, quem della hauia sahido tam abatido. Entrou com grande caza, Recamara, e familia. E como os moradores nam tinham visto tanta grandeza, todos perguntauam quem era o senhor que vinha. Sabendo huá Castelhana quem era o hospede, disse pera outra : *Hermana quien pensara que este hombre hauia de boluer tan rico y poderozo hauiendo salido desta tierra, tan pobre y afrentado?* A outra lhe respondeo com este prouerbio. *No haueis oido dezir, que solo Dios acierta a reglar con regla tuerta.*

Regra torta nos parecia nauegarmos tantos dias ao mar com ventos contrarios, tam desuiados do Camjnho direito, que he pella costa; ignorando que em fugir della na quella occa-

ziam consistia onosso remedio, e em nos a vizinhar, estaua toda a nossa perdiçam. Regra torta parecia a viagem a nosso entendimento, sendo a mais direita no saber Diuino. Com esta derrota nos guiaua Deos a porto seguro e amigo, desuiandonos de quinze Naos inimigas que nos vinhaó buscar detriminadamente. Que pouco sabem os homens, e em quantos perigos se uiram senam fora a Diuina Prouidencia. Dezejauamos a vistar ocabo de Finisterra, aonde tinhamos certos dez poderozos inimigos. Sentimos nam tomar a Ilha de Belilha, aonde nos esperauam mais sinco de muita força. Porisso em semelhante materia disse o Principe dos Poetas,

O cazo grande estranho enaõ cuidado,
O milagre clarissimo euidente, &c.
Quem poderâdo malaparelhado
Liurarse sem perigo sabiamente,
Se lá desima a Guarda Soberana
Nam acudir a fraca força humana.

Quiz a piedade Diuina, pello mesmo caminho que condenauamos, leuarnos a terra que queriamos. Sirua este cazo de poderozo exemplo pera persuadir aquem gouerna, quanto importa aprestarense os Embaixadores que vam a Reynos estranhos, com toda abreuidade: por-

que das grandes demoras que fazem os mini-
ſtros,que ficam deſcançados em ſuas cazas, re-
zulta terem noticia os inimigos de ſuas parti-
das,e armarem ſuas forças pera os catiuar,ou de-
ſtruir , e com hum ſucceſſo deſtes, que pode
facilmente ſuceder,perde o Reyno reputaçam e
credito,eos negocios a importante rezoluçam.
Daqui auiſou o Marquez logo ao Conde Almi-
rante deſua uinda edo deſcio comque vinha
deſeruir a ſua Mageſtade Sereniſſima, como ia
o tinha feito da Nao, e ſempre o foi auiſando,
donde auia correos pera Paris.

Deteueſſe o Marquez na Rochela dez dias
por falta de a preſto e de carruagem pera a jor-
nada, aqual achou muito cara e cuſtoza, como
tudo o eſtá na França, e em tanta maneira,que
oie ſe gaſta mais outro tanto do que ſe gaſtaua
nos tempos paſſados , cuſtando huá grande
quantidade de dobroís o prato decada dia, que
aqui ſe nam declara, por nam acouardar os vin-
douros. Com tudo, apoder de dinheiro ſe pre-
pararam as couzas neceſſarias,aſſi pera acomo-
didade da Companhia como pera a Recamara,
e Repoſtaria do Marquez, aqual foi conduzi-
da em onze carros grandes , os quais juntos áo
Coche e caualgaduras de ſella, veyo a paſſar

de muitos mil crazudos. Despeza na vrdade grande e em Lisboa tam pouco imagiada, e tam excessiua, que podera acanhar quaquer animo que nam fora o grandiozo do Maquez, que por ostentar agrandeza del Rey Dom Ioam o quarto Nosso Senhor, e leuantar: estimaçam caida de Portugal, tanto a custa e sua propria fazenda, procurou caminhar con todo o esplendor e luzimento. Acçam verddeira mente se de muitos entendida, por pucos executada.

Sesta feira dezoito de Março as des hor: partimos da Rochela pera Paris, com hum companhamento grande e authorizado, o qual caminhaua nesta forma. Onze carretas d fato, partiram huá hora antes, á gente de Cauo precedia hũ Trombeta, aquem seguiam d dous em dous bem composstos e ordenados o gentis homens do Marquez e por tods faziam huá companhia grande. Detis destes caminhaua grande numero de lacyos, e muitos criados do inferior contia. Detra detudo se seguia hũ Coche de seis Caualos, dentro delle sua Excellencia. As Ruas e janellas acudia toda agente da Cidade com demonstraçoẽs de prazer e alegria.

Com

Com esta ordem fomos Caminhando, vendo sempre muitas Aldeas e pouoaçoens, e grandes terras de pam e de vinhas, postas por-tal ordem e concerto, que todas se lauram. Fo-mos fazendo nossas jornadas inteiras, sempre por caminhos enfadonhos, cheyos de lodo e barro, porque como toda a terra he baixa ea paulada, toda a agoa que nella cai, a conuer-te em a tolciros. Descançamos na villa de Ser-gicre, de trezentos e sincoenta vizinhos, os mais delles lauradores. He lugar antigo, e Baronia dos Marquezes de Oriola, Tem Castello com seus muros, posto que ja quazi desfeitos e aca-bados: porque o tempo, nem as pedras perdoa. Dentro deste castello, esta a Freguezia, igreja an-tiga e grande, da Inuocaçam de Nossa Senhora da Asumpsam, aqual esta mal composta e orna-da, falta geral por toda a França, naqual os Tem-plos tem mui pouco ornato e curiozidade. A pe-dra do edifício, toda he da mesma natureza e qualidade da quella, aquem em Portugal Cha-mamos de Ancaá.

Sabado dezanoue de Março pella menham depois de Missa, fomos continuando nossa derrota, e no lugar de Boziel estaua a senhora delle com tres filhas, que veo dar as boas vindas

ao Marquez, ea offerecerlhe sua caza. Por todos estes lugares corria a fama da vinda do Marquez, ea curiozidade tiraua a gente de suas cazas pera o ver, ea grande tropa, que trazia. Neste dia passamos hum grandissimo Bosque de aruoredo siluestre, mui denso e fechado, tam grande, que tem legoa e meia de largura, e de comprimento tres e meya. He Courada del Rey, tem grande cantidade de veados e outros animaes Siluestres, e montezes, e outros peores, que sam cabildas deladroīs, que roubam os caminhantes, e huá grande tropa delles decaualo, quizeram reconhecer os carros do fato, mas temeram os Portugueses.

Sahimos delle, ja quazi Auemarias, e decemos a villa de Chizé principio da Prouincia de Puti, que he a cidade de Putiers, que na lingoa Latina se dis Pictauium. A esta, chegamos terça feira, que foraõ vinte e dous de Março, dia alegre e formoso, que nam aiudou pouco áuista da Cidade, fasendoa alegre e formosa. He pouo grande. Disem que tem seis mil visinhos, está edificada em bom sitio. Todos os Conuentos e casas grandes tem torres, com mui altos ourucheos de pao forrados, e uestidos de huá casta de pedra negra; que tem a grossura de pouco

mais de dous patacoís, e empastas, do comprimento de huá mão, se vai pregando na madeira, huá sobre outra de tal modo, que ao longe pareçe chumbo. Quasi todos os telhados das casas grandes e dos ricos, sáo telhados com esta pedra pregada, que se chama Ardoaza, o que seue por toda a França.

He a cidade de Putiers Episcopal, e o Bispo que oie a gouerna, he hum dos mais graues prelados de França, o qual visitou a o Marquez, o qual lhe fes grãde agasalho e festa. Este affirmou, que auia neste lugar quatro centas casas de Hereges, má semente estendida por todo este Reino. Tem a Mitra Pontifical de renda quatorze ou quinze mil crusados. Tem muitos Conuentos de Religiosos, Dominicos, Franciscanos, Agostinhos, Carmelitas, os Minimos de sáo Francisco de Paula, Padres da Companhia, Bernardos, Bentos, e Mosteiros de freiras das quatro Ordens Mendicantes. Ha vinte e duas Freguezias. Aqui está parte da celebre Vniuersidade de Paris (de que oie so existe a fama) que sam as cadeiras de Canones, leis, e de muitas lingoas, as quais por iustos respeitos, se tiraraó de Paris. Acerca do muro de que toda he rodeada, he largo e forte, com grande caua e pontes leuadiças. Antes

della se uem grandes vestigios, e roinas de Anfiteatros Romanos, o bra do Emperador Gallieno.

Gouerna esta praça huá pessoa illustre, posta por el Rey, assistida de vinte e sinco Conselheiros, e quando morre algum, elles mesmos elegem outro, e todos seruem sem sellario, que naim he grande aiuda pera administrar iustiça: porque se os que comein grandes ordenados, se deixaim vençer do ouro, que fara, quem viue com pouco? Quando o Conselheiro morre, se tem filho letrado, soçede ao pai. Autilidade que tem destes cargos he, grandes liberdades e isencois, e as esportulas, e as assignaturas dos papeis, que naõ deuem defer mal esportulados.

Este gouerno tem iurdiçaõ em toda a prouincia de Putiers, Assi como em Portugal a casa de Ciuel de Porto. O gouerno da Camara consta de setenta e sinco Cidadoés, com hum Presidente, que elles elegem, e se chama o Maior. Este, pode ser official mechanico, mas tanto que serue o cargo, fica nobre, com todos seus descendentes. Este gouerno so a segunda feira pella manhá se aiunta pera tratar das cousas necessarias, as quais deuem de ser mui poucas, ou elles grandes officiais e despachadores. Outro tribu-

nal

Hal tem de trinta letrados, o qual se chama, Corte presideal, selariados por el Rey. Os Moradores, naõ tem trato e porisso naõ tem homens ricos, todos viuẽ tada lauoura. O que mais illustra esta Cidade he ter sido seu pastor o grande Padre, santo Hilario e criar em sua casa a saõ Martinho Bispo. Aqui deu o Marquez grossas esmolas aos Conuentos, e pobres, e atodos os festins dacidade que foraõ muitos.

De Puitiers Fizemos jornada a Cidade de Chatelro, ou Chetelaro, lugar em que se fas o panno grosso que vai a Lisboa, aquem chamamos setelarao. He lugar grande e fermoso. Aentrada tem dous grandes e famosos torroĩs de notauel altura e grandesa, e nomeio fica a porta da cidade com sua ponte leuadissa, e per ella se entra em outra firme, comprida, e tam larga, que tem tres ruas, cada huã de vinte pes de largura, pella de meio passaõ as carroças e carretas, e pellas collaterais, agente de pe ede Caualo, e se estende sobre hum largo e aprasiuel rio, que se chama Vien, que vai direito a Nantes. Tem mais de dous mil fogos, quatro frigueSias, e tantos Conuentos de Religiosos, chum de freiras. Tem alguns hereges. Os Moradores sam Mercadores, e officiais de pannos

de linho e de lã. Tem grandes campos e lauouras.

Da qui partimos quinta feira maior, que foram vinte e quatro de Março, vendo sempre villas e lugares de que he tam pouoada França, que nam ha quarto de legoa (e ainda muito menos) que se naõ veiaõ pouoaçoẽs grandes e piquenas, he agente muita e toda trabalha, que naõ ha por estas partes gente ociosa, atheos Caĩs trabalham, porque andaõ em huás rodas piquenas de pao (aimmitacaõ das rodas dos cabrestantes da Ribeira das naos) e com ellas fasem, com hum certo artificio, andar á roda os espetos da carne, que estaõ a assar. Todos na França suam o que comem, em outras partes, huñs comem e outros suaõ: parece inclinaçam natural e assi se vem duas cousas, nella, notaueis, quais sam: serem todos os lugares cheios de officiais, enas terras nam auer hum so palmo, que naõ esteia laurado: ou semeado; por isso he tam abundante de frutos da terra.

Nestedia camin hamos pouco, e em alguãs igreias a onde entramos a adorar o Sanctissimo Sacramento, o vimos tam pobremente seruido, que nos o brigou agrande sentimento, e na verdade, que nam se ve na França o culto e-

veneraçam, que se deue ao maior mysterio dos Mysterios. Entaõ nos lembrou muito Portugal, e a riquesa, e conçerto de seus templos, e seruiço grandioso, com que serue a Deos Sacramentado, em que fas as maiores ventaejns a todos os Reinos de Europa, aonde se nam vem estas finesas. Chegamos a boas horas a Portopil, lugar de sem visinhos, fresco pella visinhança do Rio Creusa, que por ella passa, e se vai meter em Vien, que he o de Chatelro. Aqui vimos huá grande coriosidade e igual commodidade, qua he terem os Pescadores os peixes em viueiro nos mesmos barquos, o qual he de tres varas de comprido, e duas e meia de largo, fechados com hum alçapam, pello qual seue o peixe para o comprarem.

Artificio he este de boa industria e prouidencia, e que com facilidade se podéra immittar em Lisboa, fasendosse hum grande viueiro em Alcantara, ou no rio de Sacauem, no qual se podia recolher tam grande quantidade de pescado, que remediara a falta delle nas tormentas, e negligencia dos pescadores. Mas ia veio, que dis algum melindroso, que o peixe de viueiros nam he tam saboroso como o outro. Respondesse: negandosse a instancia: porque se ella conuençe

no peixe dos rios, nam cóclue no do mar, que este sempre sabe bem, ea lem disso, melhor he comer compouco gosto, que nam ter que gostar, como seue nas tormentas e ocasioés de Armadas, emque os pescadores pellos nam prenderem pera marinheiros, foiem, e com elles o peixe todo padecendo a Cidade grande falta.

De Portopil fisemos jornada a villa de fó que querdiser fogo. A sesta feira, que fonõ vinte e sinco de Marco. Está situada em hum valle a prasiuel com humrio chamado leindre, o qual a diuide em duas pouoacoés. He senhor della o Conde de Santhanan. Aqui achamos huã famosa estalajem e hosteria; e he amilhor, que vimos em cento e corenta legoas decaminho, que ha da Rochela a Paris, nam obstante que todas as de França sam boas e grandosas, mas estas de fó no grande, nouo, appratoso do edificio, adoreço das pousadas, emultidam dellas, excedem as outras com grndes ventaiens. A fruta do tarde deste lugar hboa e gostosa, e em grande cantidade.

Era sabado vinte e seis de Março, quando sahimos desta villa, e em distancia detres legoas vimos a cidade de lebrei, situada em hum valle, fermosa auista, aquem dá muita graça hum

rio

rio caude loſo, que ſe chama lechẽ, ſe paſſa por huã grande ponte, e vai meterſe no de loiera, que tambem caminha a Nantes. Chegamos acidade de Amboeſen, que na lingoa Latina ſe dis, Ambaoſia, de mil e duſentos viſinhos, com tres freguesias. Tem tres Conuentos de Frades, Franciſcanos, Capuchos, e Minimos, & tres Moſteiros de Freiras, dous da Ordem de ſanto Agoſtinho, e outro, de ſaõ Bernardo, que exercitam a vida actiua em curar os do entes da cidade, aſſi homens como molheres, em hoſpital que tem iunto aſſi comporta por dentro, a onde as Religioſas vem a miniſtrar aos enfermos o neceſſario, e he perá notar, que as freiras da França tendo menos clauſura e menos á perto, que non tras partes, tem mais religiam e maior virtude, ſem auer materia alguá de eſcandalo ou roim exemplo.

Saõ geralmente reformadiſſimas e muito pobres, circunſtançia conſideravel, mas certo he que a virtude he huá fermoſa flor, muito mimoſa e muito fidalga, que tem por natureſa frutificar melhor regada por maõs da ſanta ſimplicidade liure; que do aperto erigor forcoſo, que opprime e catiua. He ademaziada prohibiçam ordinaria mente cauſa de appetites, e a

confiança e singeleſa deſpreſadora de grandes males. Tudo conſerua abrandura, origor tudo acaba. He a confiança por natureſa nobre, que ſempre gera filhos nobres e fidalgos. Adeſconfiança he camponeſa cuillaá, ſempre criadora de partos roins e baixos. Auerdade deſta doutrina, (que outro Clima mal entende) ſeué em França praticada; e produzidora de melhores frutos, em tam grande maneira, que a virtude Monaſtica he muita.

Grande parte tem nella as Religioſas de Amboaſia. Todas ſogeitas ao Prelado que he o Arçebiſpo de Trux, ou Turon. Corre pellos muros da Cidade o famoſo rio de lucre, ſempre curſado de muitos barcos, com huá grande e famoſa alameda, que no veraó, com ſua appraſiuel ſombra, conuida nos rigores da calma. Apadrinha o lugar hum grande e forte Caſtello pouoado de Reais Paſſos, nos quais viueram os Reis de França antigos, como o teſtifica ſua grandeſa e antiguidade.

Foi nos tempos paſſados herança de particulares ſenhores, que foram os Condes de Amboaſia, mas como foram inficis ao Principe, exprimentaraõ os frutos da infidelidade, que foram confiſcaſam debens iunta áperda da vida,

mas se a justiça nam perdoou a carne, a piedade, foi clemẽte com os ossos: porque os conserua no Conuento de sam Francisco em sumptuosos sepulchros. Foi o vltimo Conde Carlos de Amboasia aquem desuaneçeu a grande priuança do Rey, sempre enganadora dos validos, digao Lucifer, que gosando os maiores fauores, logo appeteçeu oser Deos.

No Castello desta Cidade ha tres cousas notaueis, estas sam. O corpo inteiro de sam fontino conego que foi da se (que tambem o Castello tem igreia cathedral) e acabeça inteira de sam Bras. No alto della iunto a porta estaó os cornos de hum veado, admiraueis na grandesas (e tambem nositio en o lugar, queos conserua) porque de hum pe nacem dous ramos cada hum de comprimento de mais de tres varas, a grossura he da do eixo de hum carro. Tem hum noue esgalhos, e outro, onze. Em huã das salas Reais, aonde esta fruita parcera melhor pendurada, está hum osso do no do cacho deste animal espantoso, que tem tres palmos de roda, e hum e meio em alto, teste munho de sua grandeza disforme, e que facilmente perfuade sereste o paidos veados todos.

Atradiçam vulgar e publica he; que neste lu-

gar o mataram, quando todo era mato e aruoredo filueſtre, eque no peſcoſo traſia huá lamina de ouro, que o tempo gaſtou breuemente, por nam diſer acobiça, que nam fas em prego em oſſo, e nella eſtaua onome de Iulio Ceſar pera moſtrar que era ſeu. Vſe neſte Caſtello hum coracol de corenta braças e malto, cuias paredes ſaó de deſaſeis palmos de groſſura, e o uaó de quatorſe pes de largo, pello qual ſobem coches ao Caſtello, e deſte, ſe deſcobre ao norte a antiga e grande Cidade de Tux, ou Turon, mais illuſtre porter em ſi o corpo de ſam Martinho, que della foi Santo e vigilante paſtor. Nam he menos admirauel auer neſte lugar de Amboaſia huá vnica molher herege, má caſta, que nam falta em França. A terra he grandiſſima produzidora de Biboras, que ſam infinitas pellos campos, co Ceo aqui ordinariamente fulmina trouoís e rayos, que he huá couſa portentoſa.

Da qui partimos a vinte e ſete de Marco, que foi dia de Paſchoa as duas horas de pois domeio dia; ſeguindo noſſo caminho porſima de huã valla de quatorze legoas de comprido fabricada ao longo do Rio loiera, muito parecido ao noſſo celebrado Tejo, (mas naó tam

caude

candeloſo e largo, ſempre âuiſta de villas, de lugares enfeitados com grande multidaõ de verdes ſenſeiros, que faſem competencia grande aos appraſiueis de Coimbra, mas nam tam engraçados: porque a graça mora em Portugal, enaõ na França. Sobre a Ribeira ſe vem cantidade de Moinhos que mudaõ de ſitio, para a comodidade dos lugares viſinhos.

A machina delles ſe funda ſobre duas grandes barcas, preſas a terra com groſſas cadeias. Na que eſtá iunto a terra, ſe ve huá grande caſa de madeira. Enella eſtaõ as pedras do moinho com todo o recado neceſſario. Na outra barca que fica da banda do rio eſta o eixo das rodas, que ſam grandes e compridas e curſam entre as barcas ambas. As rodas ſam ao modo de grandes e compridos toneis, compoſtas de paos compridos, que as ſuſtentam, e de taboas largas do meſmo comprimento, as quais entre os paos eſtaõ poſtas de gume pera a agoa, que com grande velocidade as moue, e em poucas horas faſem muitos moyos de farinha. He galante artificio, pouco cuſtoſo e de grande vtilidade, e nunca deixa de moer: por que por pouca augoa que Rio leue, como as barcas igualmente deçem, ſempre o engenho laura.

Quatro legoas a diante se vé hum grande edifício, ou Castello (que assi chamáo na França as quintas e casas de campo) situado em hum alto, fabrica grande e apparatosa, distincta com quatro torroins grandes que rematam quatro fachadas da galaria famosa, com grande quantidade de apozentos. Saó estes passos do Duque de Orleans Irmaó de Luis treze defunto, e principio do seu grandiozo estado, chamasse o lugar Chemu. Chegamos ja quazi noite à grande Cidade de Blois, ou Bloes, deque he tam bem Senhor o Duque de Orleans, com titulo de Conde della. Tem mais de quatro mil vizinhos, oito conuentos de Frades, e sinco Mosteiros de Freiras de differentes Ordens. Tem sumptuozos Templos, posto que mal vestidos.

O Castello he grande, povoado de grandiozos paços do mesmo Duque, coroado de muitas Torres, que o fazem vistozo e forte. O lugar diuide em duas partes o Rio de Loera, o qual passamos per huá fermosa Ponte de dezoito arcos, sobre aqual esta huá rua edificada de officiais e Tendeiros de couzas diuersas. A grandeza de Cidade se mostra, ao sair della apparatoza, mas naó apraziuel por serem as paredes dos

edificios pardas cos telhados negros, accidente comum e geral em França, que se bem nam impede o conhecimento da grandeza de seus lugares, com tudo naó recrea a vista, que se satisfaz de objeitos mais alegres.

Segunda Feira vinte e oito de Março deixamos esta Cidade e seguimos nosso caminho, pello qual vimos grandes e aparatozas quintas, por entre grandes aruoredos, que verificam a verdade das Pauzagens que na Capella de Lisboa se vem pintadas, e condenam por fabulozas, na verdade, dizem as copias com seus originaes. He França per natureza seca, mas fresca por industria. A quatro legoas de iornada estâ hú lugar de sessenta vizinhos que se diz Sendic. Nelle, se apeou do Coche o Marquez, e pondosse a Caualo desconhecido, fomos todos com elle ver a famoza quinta de Duque do Orleans, que se chama Chambor, distante do lugar meya legoa pequena.

O edificio he verdadeiramente Real, eo mais grandiozo de Europa. Esta situado com o rosto ao Norte. Consta a primeira face de quatro Torres redondas e tam altas como o forte de Lisboa, mas nam de tanta largura. Corre por entre estas Torres huá fermoza Galaria

aqual se remata na quarta com nouenta e duas janellas entre grandes e piquenas, que a fazem muito vistoza. Tem a pozentos baixos de igual architectura. O remate da Galaria e Torres he de varandas todas degrades de pedra, gentilmente lauradas com seus perfis delicados e curiozos.

Sobre o remate das Torres se leuantam quatro curucheos grandissimos de pedra laurados curiozamente. Tem a porta a banda do sul, que ainda esta imperfeita, pella qual entramos em hum patio tamanho como a metade do Rocio de Lisboa, quadrado, em correspondencia do edificio, que he huã fermoza quadra. Dentro descubrimos a fachada interior do primeiro lanço, que estâ perfeito e acabado, comparte do segundo (que nos mais, ou faltou a arte, ou o poder) ornada com oitenta jenellas, todas de pedraria (de que he todo o edificio) brincadas com toda a galantaria, que o primor da arte tem discuberto.

Logo, entramos em huá grande falla bem prouida de lanças e mosquetes, pella qual entramos a mais tres da mesma arquitectura e lauor, e todas vem a fazer huã crus perfeitamente quadrada. Cada huá destas fallas tem mais de oi-

tenta

tenta pes de comprido, e mais de sincoenta de largo, saó espaçozas, no meyo dellas naçe huã fermoza e altissima planta de hum caracol mui forte e grosso, que consta de duzentos e sessenta e sinco degraos, postos em largura de dezaseis pes, e em altura de sessenta e tres degraos, tem outra porta pella qual se vai pera outras quatro sallas da mesma grandeza, que as de baixo, todas forradas de paineis de madeira.

Subidos outros tantos degraos, se ve outra porta, que he seruiço pera outras quatro cazas da grandeza referida, mas demais custoza fabrica: porque sam todas de abobeda de pedra, naqual se vem entalhados muitos paineis da mesma materia, cada hum com sua rosa no meyo acompanhada das Flores de lis de França. Tornamos a subir o caracol, e contados outros tantos degraos sahimos a quatro cirados fermozissimos e espaçozos que occupaõ toda agrandeza desta fabrica em correspondençia das cazas referidas. Saó todos lageados, e em cada lanço delles tem quatro turrioẽns muito altos, que naçem do mesmo cirado com quatro caracois, que remataõ em quatro ienellas, e sobre a abobeda da caza se leuantaõ huñs grandes curucheos de pedra todos brinçados com flores

a imitaçam dos de Bellem ou da Batalha.

Saõ quatro os cirados, como fica dito, fabricados sobre o tecto das doze sallas, por onde vem a fazer o alto de toda a obra, hũ gentil e proporçionado arueredo de pedra, sobre trinta e dous torrioẽns ou caracois (tomando todos os cirados em quadra, com grandes cornijas e grimpas) que fazem a obra grandioza ea praziuel. Nas distancias de todos estes Turrioĩs Correm muitos apozentos e cazas por toda a quadra com suas jenellas bem lauradas. Nomeyo do Caracol, que temos dito, naçe outro mais estreito, mas mais alto: porque tem trezentos degraos de altura sobretodo o edificio, e acaba em huã piquena caza pequena e redonda, com quatro jenellas bem fabricadas, sobre cujo tecto se leuanta outro curucheo, superior a todos os outros referidos, laurado as mil marauilhas.

Toda esta grandioza machina he de pedra alua e da mesma natureza, que ado Real Conuento da Batalha, aqual vulgar mente se chama pedra de anҫaá, Villa nobre e fresca do Marquez de Cascais. Esta obra edificou Francisco primeiro Rey de França, aqual sem falta acabara, se as guerras de Carlos quinto onaõ diuer-

tiraõ. Esta situada no principio de huá tapada grande, que tera de circuito sinco legoas, áonde ha todo o genero de Caça, como os moradores affirmam. Na verdade, que o edificio he insigne, e se se acabara fora huá das grandes marauilhas do mundo.

Depois de termos visto tudo, se tornou o Marquez ao lugar de sendie e com elle fomos seguindo nosso caminho, sentidos de nos apartar de obra tam grandioza, tam depressa, porque nam ha duuida, que a fermozura de hú tal edificio era Remora das mais izentas vontades. Viemos adescançar a hum lugar de sem vizinhos, que se chama sant Lorant. Este deixamos terça feira vinte e noue, fazendo jornada a famoza Cidade de Orleans, sem a companhia do Marquez, que fiquou no lugar sobre dito, esperando por postas, pera correr nellas a te Paris, mas como a França está carissima e de muitas couzas falta, nam se acharaõ postas, mais que a te Orleans, nas quais correo o Marquez com quatro Gentis homés.

He esta Cidade a primeira e cabeça do grande Ducado de Orleans, morgado que anda sempre nos segundos filhos dos Reys de França. He grande e fermoza, e dizem que tem noue

mil vizinhos, ornada de bons edificios, que a fazem populoza. Entre eſtes, ha huá igreia que he aSé com titulo de ſanta Crus, Templo famozo e de grande fabrica. So a Capella mayor eſta inteira e perfeita, obra na realidade admirauel e cuſtoza, eque hem declara a ſumptozidade que gozou, em quanto o furor Hereticoa naõ queimou e diſtruio, como fez haucra ſem annos.

Vaiſe reedificando por mandado del Rey Chriſtianiſſimo, o qual de ſuas Reais rendas tem aplicado pera a fabrica mil cruzados cada anno. He a igreia Catedral, importa ao Biſpo doze mil cruzados de renda. Tem ſincoenta Conegos, cada hum com ſeſſenta mil rés de eſtipendio. Tem dezanoue Conuentos defrades de todas as ordens e outros tantos moſteiros de freiras de Regular obſeruancia. Aqui ha cadeiras de leys, Canones, e de Medicina, que antigamente ſe liaó na Vniuerſidade de Paris, ea eſte lugar ſe paſſaraó per Ordem de Carlos Nono. O Rio Loyre paſſa por iunto della, grande e caudelozo. Os moradores ſam ricos e trantes, e entre elles ſe achaó ſeis mil hereges. O Rio eſta ſempre mui cheo de Barcos, que nauegaõ pera differentes partes de França.

Todas

Todas eſtas couzas juntas fazem a eſta Cidade tam celebrada, que lhe chamam vulgarmente, ſegunda Paris. Quarta feira trinta do mes referido, a tarde deixamos a Orlians, Caminhando pera Paris, e achamos melhor eſtrada, que aquetinhamos trazido a teali. He huã fermoza e larga calçada, que fez a induſtria Franceza, de trinta e quatro legoas de comprido. Curiozidade grande, e grande zelo do bem publico, poderozo pera fazer inueja ao grande diſcuido de Portugal, que tam roins caminhos tem em muitas partes. Quanto mais nos auizinhauamos a Corte, tanto viamos mais pouoaçoés, e viemos a fazer alto em o lugarde Torin, que he de duzentos vizinhos. A outro dia chegamos a Villa de Eſtamp, pouoaçam grande de officiais de todos os officios.

A quinta feira, que foi o vltimo de Março, (deſpedido hum Gentilhomem do Conde Almirante, que no dia atras viera, por ſeu mandado, dar ao Marquez ao boas vindas) continuamos noſſo caminho, o qual nos pareçeo melhor, aſſi pella certeza de vermos cedo Paris, como por de huã o outra parte, eſtar tudo pouoado de fermozas quintas. Chegamos ao Burgo de la Reyna, pouoaçáó de oitenta vizinhos ſeſta feira primeiro de Abril.

Ao Sabado pella Manhã veyo de Paris o Conde Almirante a vizitar o Marquez o qual o recebeo com todo o amor e cortezia. Trataraõ se suas Excellencias por largo espaço com a familiaridade, que o sangue co respeito natural pediaõ. Rematou se a pratica com huã cortez porfia, querendo o Conde Almirante que o Marquez deixasse o limitado a pozento, e se fosse descançar a sua caza Duuidou o Marquez, naõ da offerta, porque era verdadeira e fidalga, mas reparou na execuçaõ della, o brigado da grande familia que trazia. Foi este pleito singular, porque ambas as partes tinhaõ rezaõ e justiça. O Marquez se resolueo em se ir em companhia de Conde Almirante, a huã quinta que esta no lugar de Mon-ruje distante huã legoa de Paris, a onde fiquou o Marquez com toda a sua caza, eo Conde Almirante se partio pera Paris,

Aqui estiuemos algũs dias pera aliuio de taõ comprida e trabalhoza jornada, mandando se ordenar os expedientes pera a sua entrada na Corte. A este lugar vieraõ vizitar o Marquez muitos Senhores e Madamas. Aqui teue cartas dos Embaixadores de Munster, que sam os Doutores Luis Pereira de Castro, e Francisco de Andrade Leytaõ, so quais dandolhe operabem

de sua vinda, junta mente o auizaraõ da prepa-raçam da Dieta. Ao Doutor Rodrigo Botelho Embaixador de Sueçia escreueo o Marquez como era chegado, e como estaua prestes pera o seruiço de sua Magestade sereníssima, e o mes-mo, a todos os mais.

Entrada na Corte de Paris.

Terça feira dezanoue de Abril, mandou o Marquez que entrasse a sua Recamara, porque se julgou per impossiuel que esta fosse iunta com sua pessoa, por respeito do grande cortejo que se hauia de fazer na sua entrada, porque como a multidam era tanta, a confuzam nam hauia de ser piquena. Foi acertado o arbitrio, como mostrou o succesSo. A Recamera se ordenou em Mon-ruje a huá hora depois do Meyo dia, aqual partio pera Paris com a ordem e con-certo seguinte.

Guiaua a Recamara do Marquez hum Trom-beta vestido de preto a Caualo, com hum esten-darte de damasco Carmezi franiado de ouro, com as armas do Marquez bordadas de ouro, e da outra parte, a Crus de Christo tambem ri-camente bordada de ouro. Tocaua o clarim ex-

cellentemente o que alegraua muito os ouuintes. Logo caminhauaó as Azemelas com a Recamara do Marquez, todas com cabeçadas e retranças de damasco amarelo e veludo Carmizi, comborlas e cordois da mesma cor. Os peitoras eraõ do mesmo com campainhas, e todas com suas testeiras deprata, com e grandes fermosas plumaiens de varias cores, com ao armas do Marquez cubertas com grandes reposteiros de veludo Carmezi, e em todas hum grande escudo de suas armas todas bordadas de ouro, e com a mesma bordadura na Orla. Todas com arrochos, emais ferraiem de prata bem laurada é polida. Assi, nas carretas do fato Cada huá das Azemelas leuaua de redea hum lacayo.

Detras dellas se seguiam os gentis homens da Camera do Marquez o Caualo, com Coxins de veludo carmizi, maletas de ancas do mesmo, com faixas de tela amarela, cordois e borlas de ouro e seda carmezi e estribos prateados. Todos em corpo vestidos á Françeza, de pano negro, fino, e custozo, com grandes plumagens negras. Cada hú com sua insignia, pertencente, a Camera e seruiço do Marquez, cada huá das quais hia metida em sua bolça de veludo

carmisi

carmisi bordado de ouro, com as armas do Marquez, e como os gentis homens eraõ muitos, faziaõ hum vistoso espectaculo. Logo hia o seu Caualo que era hú ginete Hespanhol agecezado de veludo Carmizi bordado de ouro, com telis de veludo negro com grandes franjoés de ouro e prata, todo cercado de borlas do mesmo, que cahiaõ sobre os estribos de prata, com todo o mais adorno e enfeite, que se pode dar em hum ginete briozo e gallante.

Leuauao de redea hú lacayo, a companhado de doze, seis por cada parte, em corpo, vestidos a Franceza com suas plumagens negras, como os outros que leuauaõ as Azemelas. Detras vinha o Capitaõ Ioaõ degandara de Azeuedo estribeiro do Marquez, pessoa de muitos seruiços. Seguiasse o seu Coche todo cuberto de luto, com o escudo de suas armas, tirado por seis fermozos Caualos frizois murzellos, com as cortinas corridas sem pessoa alguá dentro.

Em seguimento da Carroça hiá grande multidaõ de pagens de dous em dous a Caualo, vestidos tam bem de negro, com calças, imperiais, capa, espada e plumagens negras, ao modo e vzo da Corte Françeza. Todos com suas pistollas metidas em bolças negras. Outro Trom-

beta, como o primeiro, guiaua grande numero de carroças de fato cubertas cadahuã com dous Reposteiros grandes de graã bordados de sitim amarelo com franjas de seda da mesma cor, com o escudo desuas armas bordado da mesma seda. Por cada Carroça destas, tirauam seis Caualos, cubertos de mantas vermelhas franjadas de seda da mesma cor, todos com peitorais vermelhos cheos de Cascaueis, gouernados per dous Cocheiros vestidos de negro.

O principal fato que leuauaõ estas Carroças, (a fora o fato dos criados) eraõ muitas armaçoẽs de seda e ouro, e muitos caixoẽs de prata laurada com outras muitas al fayas da caza do Marquez, asquais iuntas aos ricos vestidos e muitas joyas de grandissimo preço e valor, emque a caza de Monsanto excede a todas as grandes de Portugal, e com as mayores faz oppoziçam e competencia.

A estima de tanta grandeza no juizo dos que milhor entendem, passaua muito auante de sem mil e cruzados. Porem hase de aduertir, que detras das primeiras carroças do fato, hiaõ muitos, Reposteiros a Caualo, tam bem vestidos de negro. O terçeiro e vltimo Trombeta hia diante de outras carroças, a quem seguia outra tropa

de Repoſteiros, tambem a Caualo do meſmo modo,e todos com piſtollas. Por remate de todo eſte acompanhamento,vinhaõ tres carroças do ſeruiço do Marquez a deſtra, tambem enlutadas, e na primeira dellas vinha Antonio da Cunha da Fonceca, Caualeiro do habito de Chriſto Conductor, e ſuperintendente deſta entrada. E finalmente,ſe viram nas ruas de Paris, neſta ocaſiam, mais de ſetenta Coroneis das armas dos Caſtros que faziaõ huá viſta grandioſa e apraſiuel, porque os ſeis Roeles de prata em campo azul, fazem hum compoſto tam viſtozo, que compete com a meſma fermoſura. E por remate de tudo baſta ſaber e que o numero de ſeis,ſignifica toda, a perfeiçam, como dis Hugo de ſanto Victore, eos Eſcriturarios communmente. Nam podia a familia tam illuſtre faltar eſta excellençia.

Todo eſte aparatozo e luzido acompanhamento entrou na Corte de Paris as tres horas da tarde do dia aſima referido; e foi tam grande o concurſo da gente,que o veyo a ver que ſe rompia pellas ruas com grande difficuldade, e tambem pella grandiſſima copia de carroças,que muito authoriſaram o acto. As jenellas, de que muitas ſe alugaraõ, todas ſe viam pouoadas de

Damas. As portas,tam bem seuiaõ occupadas,e finalmente concorreo huá multidaó infinita, que entre acçoẽs de admiraçaó, e espanto,e de alegria e aplauzo,proteſtauam por duas couzas iuntas. A primeira,que nam hauia memoria de tam grandioza entrada. A segunda,que era Portugal mui poderozo, pois lhe mandaua hum Embaixador taõ illuſtre, tam rico e poſſante. Escurecco na verdade tam magnifica entrada, a grande que fes o Duque de Paſtrana, na ocaſiam do caſamento da Rainha May Regente Dona Anna pellas grandes ventaiens que lhe fes em tudo.

Sem duuida que acçaõ tam magnifica e ſoberba reſucitou a eſtimaçam da Portugueza Monarquia, que tinha quaſi extinta ea cabada, em ſeſſenta annos de Catiueiro, a tyrania Caſtelhana. Oie viue na verdade Portugal na opiniaõ dos Franceſes com outra eſtima, com outro reſpeito, e com outro credito, e he aſſi, que ſeia o tinhaó por fe,oie o conhecem por intuitiua noticia e por experiencia. Tanta gloria, tanta grandeza, tanto e ſplendor, tanto luzimento, tantos perigos paſſados, tantos enfados ſofridos, tanta deſpeſa da fazenda propria,como ſe pode aiuſtar (diſcreto leitor) com pouco

amor

amor, e pouca fidelidade do Principe? porquem voluntariamente, e com grande gosto, se fazem tantos estremos?

Naõ consiste o ser fiel, e leal ao Rei em dizer, senaõ em o brar. Naõ proua o fino do amor o falar, se naõ o seruir. Facilmente se encobre o engano de baixo da lisonia, e raramente se compadesse com a fineza grandiosa. As obras manda Christo Senhor nosso crer, e naõ as palauras. *Operibus credite.* Crede e so dai credito as obras dis a Eterna Verdade por sam Ioaõ capitulo 10. He a obra huã verdade com alma e viua: he a palaura huã lizonia morta e sem coraçaõ. *Populus hic labiis me honorat, cor autem eorum longe est à me* diz Christo por saó Matheus capitulo 15. E assi como o corpo humano naó tem vida apartado do coraçam: assi as palauras sam muitas veses testemunho morto. Com proue quem quizer, seu animo com palauras encarecidas; em que pode auer engano, que o Marquez de Cascais iustifica o fino, e o verdadeiro da sua lealdade com suas grandiosas e verdadeiras obras.

Consiste a verdadeira fé naó no ouuir, nem no falar, se naõ no fazer e no executar. *Non auditores legis iusti sunt apud, Deum sed factores*

res. Dis o Apostolo sam Paulo, aos Romanos capitulo 2. Conheça Portugal, confesse o inueioso e particular respeito por verdadeiro e fiel hum Principe tam zelador do bem cõmum, e taó grande seruidor do Rey. Iustifiquem outros sua fe compalauras mortas, que o Marquez proua a sua com obras viuas, e finalmente sirua ó os outros aos Principes com a boca, que o Marquez serue com as maós, e tam compridas e grandiosas, que nam cabendo no Reino chegaraó a Monarchia de França formando nouo amor pera o Rey e Senhor, e dando noua vida a seu poder soberano.

Deu sua Magestade Serenissima a Portugal com a liberdade vida, o Marquez lhe dá com a grandesa credito. Viua infinitos annos, viua hum Rey que tam bem escolhe, viua infinitos annos, viua hum vassallo que tam grandiosa mente serue. Assi o persuade a mais grandiosa entrada que vio o presente seculo. Esta se terminou nas Casas do Marquez de San Xomon Caualeiro do habito do santo Spirito (que immita o de Malta com a figura no meio do espirito Sancto, tudo de prata) e agora Embaixador de Roma, a onde se recolheo; e tudo se preparou pera receber nellas o Marquez, ms quais

viuia o Embaixador de Inglaterra, aquem a Rainha mandou despeiar, e se concertaram com tapises de ouro e seda de grande preço, com duas camas huá de veludo carmezi, bordada ao antigo ricamente, he peça de infinito valor, e obra del Rey Francisco primeiro. Outra, de setim carmesi de flores toda bordada de ouro.

Quarta feira vinte de Abril dia de santa Ines de Monte Policiano, da sagrada Ordem dos Pregadores, santa das maiores, e que grandissimos (por naõ dizer maiores) fauores recebeo do ceo. Naõ carece de Mysterio escolher o Marquez o seu dia pera entrar em Paris: porque conuinha que dia de huá taõ grande santa, mostrasse sua grandeza hum principe dos maiores de Portugal, e nos fauores dos Reis Christianissimos o primeiro e pode ser que o derradeiro. Escolheo o Marquez pera entrar na Corte verificando nisso o grãde affecto e amor que tem a esta Religiaó, naõ contente com a primeira, de fiar sua alma e bem espiritual, de hum filho seu, sogeito tam insufficiente e indigno. A huá hora de pois de jantar partio o Marquez pera o Conuento da Cartuxa que fica a entrada da Cidade, aonde ia achou o Con-

de Almirante, que o veio acompanhar. Ali esteue o Marquez recebẽdo os recados dos Principes e Senhores que lhe mandauaõ as suas carroças pera o corteiar. Vinha o Marquez vestido de pano negro (que este he o luto de França) mas tam galante e polido de baixo de cores tristes, que a legreua auista de quem o via.

A iuntouse neste lugar gente infinita pera o ver, aqual ainda oie, que sam quinze de Iunho, se naõ da por contente e satisfeita: porque todas as veses que vai fora acode auelo hum numero excessiuo de gente, e posto que a naçaõ Françeza he amiga de nouidades, com tudo nem sempre segue todas, senaõ a quellas, a onde os olhos vem esplendor, lusimento e grandesa, a do Marquez deue de ser muta, pois a curiosidade naõ cessa.

Seriam quatro horas da tarde, quando chegaram â Cartuxa o Marichal de Brezé Senhor de grande caza em França e Cunhado, que foi do memorauel Cardeal de Richelieu, valido do Rey defunto, que por Ordem de sua Magestade Christianissima vinha acõpanhar a o Marquez Embaixador. Vinha com elle o Conde de Brulon, Conductor dos Embaixadores. Ambos deraõ a boa vinda ao Marquez, e depois de praticarem

praticarem em espanhol hum espaço se leuantou,e se foi meter na carroça del Rey, em huã das Porteiras com o Marichal de Brezé, e na outra porteira o Conde Almirante com o Conde de Brulon.

Detraz della se seguia a Carroça da Raynha com seis Caualos,em que hiaõ ambos os Secretarios das Embaixadas conuem a saber o Doutor Manoel da Nobrega ia repetido, Secretario da Extraordinaria, e o Doutor Antonio Monis de Carualho, Caualeiro professo da Ordem de Christo , Comendador de Vimioso Gentil sogeito dotado de muitas partes. Nella hiaõ tambeem os fidalgos da companhia do Marquez. Logo se seguiaõ todos os cochesdos Principes,todos de seis Caualos por esta Ordem. O de Monsieur Duque de Orleans irmaõ de el Rey defunto, o de Madamoisella sua filha, Princeza de grande fermozura e descriçam muito rica de deza sete annos de idade. O de Monsieur Principe de Condé, o primeiro dos do sangue, que em falta da Real decendencia direita e transversal,tem direito a ser Rey de França; o de seu filho o Duque de Anguien, Principe esforçado e valente, que o anno passado destruio a Dom Francisco de Mello na Batalha de Rocroy.

O da Duqueza de Longavilla.

O de Madama a Condeça de Soissons veuva; O do Duque de Guiza Principe de grandes partes, afabilidade e cortezia. O da Duqueza de Guisa sua May. O do Duque de Nemours, Principe da caza de Saboya. O do Duque de Angulema filho de Carlos Nono. O do Cardeal Mazarini. O do Conde de Arcur. O da Duqueza de Luines. O da Duqueza de Aguillon: o do Duque de Brezé: o do Embaixador de Inglaterra: o do Embaixador de Saboya: o do Rezidente de Inglaterra: o do Rezidente de Parma: o do Agente de Cataluñha.

Outros muitos mais de Duquez, Marquezez, Mariscais, Condes, e outros grandes senhores em que entraraó o do Gráó Prior de França Gentil pessoa, grande amigo dos Portuguezes, e o do Presidente da fazenda, Secretarios do estado, de outros muitos Ministros e fidalgos particulares, que todos faziaó huá multidaó tam grande, que veo a ser o mais luzido e grandioso corteio, que se vio em Paris ha muitos annos. O Concurso da gente foi immenso, e muito mayor do que tinha sido o dia dantes. Assi tam authorizadamente, foi o Marquez leua

do a ſua Caza. Hum Corteſaõ obrigado do goſto de acçaõ tam grandioſa e appraſiuel fez o ſeguinte Soneto, que pera os curioſos repetimos.

SONETO.

A Vér grandeſas França acoſtumada
Paſmou na entrada que o Mar-
quez fazia,
Eſendo o Sol ardente aquelle dia,
A Corte ficou fria de admirada.
Agente, hora de eſpanto aluoroçada,
Agora de admirada emmudecia,
O Rio, hora ſuſpenſo naõ corria,
Hora corria, a ver a grande entrada.
Os Corteſoẽs, as Damas, todo o pouo,
Pareciam que empedras ſe mudaram,
Como ſe ouuito de Meduſa viram.
Raro o triumfo foi, e o louuor nouo,
As voſes do ſilencio o celebraram,
As ſem lingoas da fama o repetiram.

Seſta feira ſeguinte ás duas da corde vieraõ

vizitar o Marquez da parte del Rey o Marquez de Crequi hum dos Primeiros Gentishomẽs da Camara, e da parte da Rainha o Conde de Orual seu estribeiro mór, manifestando a grande vontade com que suas Magestades aguardauaó vello.

Domingo, que foraõ vinte e quatro, veyo o Conde de Brulon Conductor dos Embaixadores a vizar o Marquez como tinha audiençia de suas Magestades Christianissimas naquelle dia âs tres horas datarde, no qual começou o Marquez a receber os grandes fauores que esta Relaçam dirá em breve, e a Corte Françeza taó geralmente applaude: porque sendo estylo e custume obseruado como ley, nam se dar audiençia aos Embaixadores ao Domingo, tudo com o Marquez se derogou, entendendo suas Magestades Christianissimas, que conuinha nam hauer pera o Marquez prohibiçam.

A hora detriminada veyo o Duque de Elbef. Principe do sangue da Caza de Lorena, grande Senhor a conduzir o Marquez pera bejar amaó a suas Magestades. Vinha em sua companhia o Conde de Brulon por official deste acto. Chegou tam bem o Conde Almi-

rante

sante Embaixador Ordinario que acompanhou o Marquez nestas primeiras vistas, como tam custumado a nam faltar nas o brigaçoés, que sam do seruiço de sua Magestade Serenissima, e da reputaçam e credito de Portugal.

Todos quatro se meteram em o Coche del Rey seguindosse logo a elle o da Raynha em que hiaó os Secretarios de ambas as Embaixadas, com quatro fidalgos da assistençia do Marquez, eo Padre seu Confessor. Detras vinha a Carroça de sua Excellençia â destra e em seu seguimento mais tres, todas de seu seruiço emque hiam seus criados, a estes seguiaó, duas mais do Conde Almirante com os seus Gentis homens. E por vltimo remate Caminhava ado Duque de Elbef, e eado Conde de Brulon.

Chegando ao Paço achamos tam grande concurso de gente composto de Senhores, fidalgos, e Madamas, que nam hauia caber nas cazas e foi mui trabalhozo o vencer as porta. Outra Mayor multidam tinhamos deixado as portas de Paço aonde foi o aperto grande, nam obstante estarem em ala duas companhias de Esguissaros dos da guarda del Rey

(que sam quinze mil homens de Armas) que ali mandou por em obsequio do Marquez, e pera diuertir a gente. Subimos as escadas do Paço, tam pouoadas de Cortezois, que a penas os da guarda de el Rey podiáo fazer caminho pera passar o Embaixador, e chegado as salas, emque estaua o mundo, entramos na Camara da Raynha, a qual estando com toda a authoridade, assi pella assistinçia das pessoas Reais, como de muitas Prinçezas e Senhoras a grande multidam e tumulto dos assistentes tudo opprimia e occultaua; nam assi em Portugal, a onde as Reaes audiençias sam tam compostas e concertadas, que nem a Magestade falta, nem a multidam perturba.

A caza estaua ricamente adereçada com quadros de grande valor, todos em caixilhos dourados pello tecto, e per todas as paredes, Armaçam vzada nas Reais cazas de França, e posto que o apozento estaua cuberto todo de luto, pellas quebras delle se diuizaua bem este concerto. Chegou o Marquez abeijar amaó a sua Magestade el Rey Christianissimo o qual estaua asentado, e tirando o Chapeo mandou cubrir ao Marquez, que discreta mente lhe deu a sua Embaixada bejandolhe primeiro a maó.

He eſte Principe huá bella criatura e rara, e ſendo de tam tenra idade, que naó tem mais que ſinco annos, elle ſe moſtrou neſte acto nam como menino tenro, mas como entendido e diſcreto. A Raynha Chriſtianiſſima veſtida de luto eſtaua a ſua maõ eſquerda em pe com tanta Mageſtade e graça, que com difficuldade ſe podia conhecer a precedencia entre eſtas duas taó Reaes e ſoberanas propriedades. Reſpondeo ao Marquez em nome del Rey ſeu filho em Caſtellhano, fauor grande, e com tanta confiança, que nos quis certificar, que ſe as palauras por nacimento eram de Caſtella, o ſeu Coraçam por amor, era de Portugal. Deulhe o Marquez tam bem ſua Embaixada na forma de ſuas inſtruçoés, reſpondeulhe ſua Mageſtade, como a materia pedia e della ſe eſperaua.

Tinha a ſua mam eſquerda o minino Infante Duque de Anju ſeu filho, titulo que tam bem anda nos ſegundos filhos dos Reys de França, quando o de Orleans eſta occupado. Eſteue o Marquez com eſtes Principes muito grande eſpaço, que tam bem foi nouidade grande, e particular merce feita ao Embaixador extraordinario aquem ſempre acompanhou o Conde Almirante.

Despediramse suas Excellençias dos Reis, e a Raynha Christianissima se foi publicamente por em huã veranda que cae sobre o patio do Paço, acompanhada de todas as Princezas e Senhoras,da qual senam tirou emquanto nam perdeo de vista ao Marquez,o qual sempre a foi seruindo com grandes cortezias, tam cortezãns egalantes,como elle sabe fazer, sem nunca voltar as costas aquem lhe fazia tanta merce e fauor.

Foi este o mayor que seuio em França ainda em occazioẽs de vizitas de outros Principes absolutos e soberanos. Assi o affirmam e certificam publicamente todos os Senhores Françeses,que sabem conhecer as honras sem serem inuejozos dellas. QueiraDeos que nesta occasiaó e materia, parta Elias acapa com Elizeu. Semipre a inueja duuida,tudo facilita o amor. Recolheuse o Marquez a sua caza acompanhado do Conde Almirante e do de Brulon. Como nesta ocasiaõ foraõ as representaçoĩs tristes e funebres lembrado hum curioso do Rey defunto, esmaltou todo aquelle luctuoso acto, com o seguinte poema,pera memoria do Principe Frances morto, e do Portuguez viuo.

SONETO.

SONETO.

PAra que descansase o grãde Athlante
O grampeso sosteue agram Thebano
Oie o sustenta Alcides Lusitano,
Porque repouse o Vandomes gigante.
Que se auencer o mundo foi possante
Hum Medo, hum Persa, hum Grego,
ou hum Romano,
Pera vencer a todo o Imperio humano
Só Luis, ou Ioam era bastante.
Luis foi descansar da longa via,
Ioam pos ao trabalho firme o peito,
Reyna Luis empas, Ioam naguerra.
Partirão igualmente a Monarchia,
Esendo pera dous hum mundo estreito,
Luis Reyna no Ceo, Iaõ na terra.

A segunda feira seguinta foi sua Excellençia a companhado de seus criados que hiam em tres Carroças Passeo publico da Cidade. Este esta fora della algũ espaço aquem vulgarmente chamaõ Curso. He huâ fermoza lameda,

com tres Ruas tam compridas, como a distançia que ha do Terreiro do paço de Lisboa ao Rocio. He toda composta de fermozas ea praziueis Aruores, que senaõ daó fruto (eso estas Aruores sam infrutiferas em França) conuidaó com frescas e alegres sombras pera as calmas. Todas as tardes do veraó he paciado das Carroças dos Senhores e Damas de Paris a onde se ajunta huá multidaõ inumerauel.

Andando o Marquez no Passeo vinha a Rayna Christianissima no seu Coche e conhecendo o do Marquez foi o buscar de propozito, mandando chegar a Carroça muito a do Marquez da qual, estando paradas lhe perguntou como estaua e que lhe pareçia ocurso o Marquez lhe deu huá discreta reposta, com aqual se dispedio a Raynha. Foi este fauor grandissimo porque ia mais nunca seuio em França parar o Coche da Raynha pera fallar alguã pessoa. Grandes inuejas fez merce tam singular a todos os senhores Françeses, mas com isto estâ que todos os julgaó por bem em pregados no Marquez. Praza a Deos que assi seja em Portugal, ea quem este fauor parecer difficultozo apelle pera o lugar onde se fez, que foi o Curso de Paris, a onde andaua todo o mundo iunto.

As Damas da Raynha imitaram a accaõ de ſua Senhora, porque emparelhando tam bem com a Carroça do Marquez eſtiueraõ largo eſpaço conuerſando com elle, dizendoſſe muitas gallantarias de parte a parte, declaradas por hum interprete e muitas dellas fallaram Heſpanhol. Todas tiraraõ as maſcarilhas (comque andaõ ordinariamente) fauor grande e particular, que ellas nam cuſtumam fazer ſenaõ a ſinos amantes ou a grandes Principes. Eram todas filhas dos mayores Senhores deſta Corte.

Quis a Raynha que o Marquez a tornaſſe auer em audiençia particular e foi della tam bem reçebido e fes lhe tanta merce, que ſe admiraram os Françeſes. Leuou a el Rey huã rica banda de couro de Ambar retalhada dilicadiſſima mente com grandes pontas de ouro e mandando a Raynha chamar a el Rey pera receber do Marquez a quelle cortezaõ mimo, veyo logo, e o Marquez o enfeitou com ella ajudando o a meſma Raynha aqual mandou ao Rey minino naõ puzeſſe o chapeo nacabeça em quanto fallaſſe o Marquez, o qual eſtaua deſcuberto porque a vizita nam era de Embaixador, ſenam como de ſenhor particular, e compoſto o menino Rey com abanda diſſe a Rai-

nha ao Marquez, Marquez ja sois camareiro maior del Rey de França.

Como os fauores foram tantos eas merces tam singulares, teue a inueja lugar nopeito de hum grande o qual em prezença da Raynha, disse que o Marquez era o maisventurozo Prin-cipe do mundo, pois sua Magestade Christia-nissima lhe fazia honras que os maiores de França nunqua mereceram.

He a Raynha de delecadissimo entendi-mento e conhecendo a alma das palauras, lhe respondeo desta maneira. Todas as mayores honras se deuem ao Marquez de Cascais que vos naim conhecis bem e basta dizeruos que he duas vezes meu parente.

Assi passa na verdade se recorrermos aos tem-pos passados e consanguinïdade do Infante Dom Ioam filho de el Rey Dom Pedro o Cru de Portugal e da Senhora Dona Ines de Castro de quem conhecida mente decendem os Reys de Castella e tam bem per via da Infanta Dona Izabel filha de el Rey Dom Fernando de Por-tugal que cazou com Dom Affonso Conde de Gijon filho bastardo de el Rey Dom Henri-que de Castella o segundo de quem rezultou a illustrissima familia dos Noronhas em Por-

tugal

tugal. Tam bem a Raynha Chriſtianiſſima pudera dizer com a meſma verdade, que era o Marquez de Caſcais terceira vez ſeu parente pella conſanguinidade mais proxima, que a illuſtre familia dos Pimenteis (de quem o Marquez he ramo generozo) tem com os Reys de Caſtella.

Gentilmente reprehendeo a Raynha eſte inuejozo lanço, fazendo nouos fauores ao inuejado. Acertada traça, conuenientiſſimo remedio, e proporcionada pena pera caſtigar taluiçio. Com tam gloriozo teſtemunho (que muitos tomaráo em cauza propria) fiquou o Marquez mais conhecido e mais honrado, e muito maïs fauoreçido dizendo lhe a Raynha, que a foſſe ver muitas vezes, e que pera eſſe effeito o deſobrigaua da companhia do Conde Conductor, ſem aqual ordinariamente os Embaixadores nam fallam aos Principes de França.

Foi o Marquez ſegunda vez ao curſo, e como a hora era encalmada, conheceo a diſcriçam o accidente do tempo: porque en contrando o Marquez a Raynha lhe deu hum mimo e regalo grande, de muito valor e preço, de que ella fez eſtimaçam grande, e ſe celebrou na Corte

toda. Vizitou o Marquez a Raynha terceira vez, de quem reçebeo nouas merces e fauores grandes, com grandes ventagens dos primeiros. Ao outro dia lhe mandou o Marquez hú grandiozo regalo composto das couzas mais preciozas e ricas, e deque Principes tam grandes, mais se pagaõ. O valor e grandeza do Prezente nam queremos escreuer aqui, fiando da curiozidades dos estranhos mais, que do proprio cabedal e eloquençia, de quem tam grosseira mente compos esta relaçam.

Assi estimado, assi applaudido, esta o Marquez em Paris com todo o luzimento e grandeza, que elle mais estima, por seruiço del Rey nosso senhor de Portugal, e reputaçaõ de seu poder. E pera que este mais se estime e admire por grande (ainda entre os estrangeiros) tem posto grande cuidado nas demonstraçoẽs publicas que sam as que mais illustraó e engrandecem os Principes, e pera este effeito tem huã grandissima caza. Come em publico, em huã sala, a onde o ordinario prato sam banquetes grandes, emque se acham ordinariamente Religiozos graues, e pessoas de autoridade. Accaó necessaria pella qual somente avaliaó ós Francezes o poder dos Embaixadores.

A caza he hũ fermoza ſala armada de ricos panos, naqual ſe vem dous grandes a paradores de ſinco degraos cada hum, todos cubertos de prata de grande preco e valor, que fazem oſtentaçam bizarra. Fiquam guardados com huá grade em proporcionada diſtançia, pera os copeiros poderem exercitar ſeu officio. Ameza fiqua entre eſtas, e outras, que fiquaó iunto aporta da ſala, com eſpaço capaz de receber a muita gente, que vem ver a meza. O Marquez tem pera ſeu ſeruiço huá carroça e quatro pera toda a ſua familia, que todas fazem hũ luzido acompanhamento, todas as vezes que vai fora, o qual ſenaó vio em Paris ha muitos annos.

Toda eſta grandeza, tam neceſſaria á reputaçam do Reyno, ſe conſerua com huã deſpeza exceſſiua de muitos cruzados, tirados todos do proprio cabedal e fazenda, porque os creditos que trouxe por ordem de ſua Mageſtade ſereniſſima, a te agora ſenam pagaram por falta da pontualidade dos Mercadores, aqual nam he piquena e ſem falta, poderoza pera acoũardar qualquer animo que nam fora o do Marquez: porque os gaſtos ſam grandiſſimos, e eſta oje Paris notauelmente cara em tam grande maneira, que o que ha poucos annos

valia dous, oje ſe compra por oito, tudo occazionado das muitas guerras que tem, e grandes exercitos que ſuſtenta, por cujo reſpeito, ſam os tributos muitos e conſideraueis. Fas aos Conuentos eſmolas groſſas e grandes, e ſo a de ſam Franciſco mandou dar vinte mil reis, e aos Religioſos de ſam Domingos ſeſſenta cruzados, e a muitos outros.

Nam logrou o Marquez de Caſcais tanto fauor e tanta merce, tam inaudita e rara (nunca de outrem lida nem ouuida e ſe naó allegueſe texto em contrario) a caſo e por ventura. Tudo foi effeito de proprios merecimentos. Nam ha fortuna, nem fado, falamos com Catholicos) os gentios o confeſſaõ, Iaodis Iuuenal na Satyra 10. Neſte repetido verſo. *Nos facimus fortuna Deam cælo qui locamus.* Quer diſer. A ignorancia dos homens fas a fortuna Deuſa e a venera no Ceo, ſendo verdade que no mundo naó ha fortuna boa nem má, mas tudo ſe regula e predetermina pella vontade diuina. Aſſi otca douta e delgada mente o Poeta Portuguez no Canto 10.

Chamaõ lhe fado mao, fortuna eſcura,
Sendo ſo prouidencia de Deos pura.

Saõ os bons e aduerſos ſucceſſos effeitos da Diui-

na

na Prouidencia, que com huns, da o premio a virtude, e com os outros, caſtiga a culpa. Tem Deos por natureſa dar acada hum o que ſuas obras merecem, e particularmente ás boas e virtuoſas. Eſtas nam faltauaó ao Marquez, como ia fica dito, com tudo neſta Embaixada quis acrecentar outras de nouo, e com particular cuidado aquellas, que ſam em maior veneraçam e ſeruiço do Diuiniſſimo Sacramento de Altar, maior myſterio dos myſterios, e marauilha de todas as marauilhas de Deos. O qual fora de Portugal, nam he tam venerado como de via, como ſe ve em muitas partes de Europa. Soube o Marquez como neſta Corte de Pariſ ſe leua o ſanctiſſimo Sacramento aos enfermos pobres ſem palio, cauſa de grande indeçençia, a qual ſe naó acha, quando vai a caſa dos ricos, porque entaó ſe conhece maior culto e authoridade (que attreuido que he o intereſſe,) eſta, quis o Marquez ſe introduziſſe neſta Corte, reſpeitandoſſe a Deos Sacramentado, que igualmente viſita ao rico e ao pobre, e que em caſa de todos he meſmo paó de vida e fonte de miſericordia. Pera eſte effeito deu a igreia de ſam Lourenço, em cuia freguefia mora, hum palio rico, com obrigaçaó de o

Senhor ir sempre com elle a todos os enfermos, e por este caminho saira o Senhor mais authorisado, e naó tera lugar a propria commodidade, que tudo corrompe.

A outra falta, que soube foi, que quando o senhor vai fora, so vai acompanhado do pouo e pobres, e naó dos Principes e grandes, defeito que da ocasiaó aos Hereges pera fazerem pouca estima deste Soberano Sacramento. Pera remedio deste mal foi o Marquez quinta feira do Corpo de Deos, a sobredita Parrochia, e acompanhou em toda a proçissáo o santissimo Sacramento vestido com omanto da Ordem de Christo, e hum grande brandaó nas maõs, e toda a sua familia com tochas de cera fina, que passaram de sincoenta, e recolhido o senhor, mandou que toda açera ficase pera seu seruiço. Foraó tam poderosas estas Catholicas e taó pias de monstraçoís, que se espera ver em todo Paris, grande reformaçam, no culto do Diuinissimo Sacramento, e na casa do Marquez particulares grandesas. Competem noste diuino Mysterio dous attributos de Deos, estes sam, Liberalidade, e Misericordia. Esta, sustenta e da vida ao peccador, aquella, o enriqueçe com merces, honras e fauores: Menos custoso

ſeruiço, feito aeſte mais alto Sacramento, deu tantas coroas e tantos Imperios a caſa de Auſtria, como de Rodulpho Conde de Haspurg, cabeça da caſa de Aultria, tantos liuros affirmáo: enos aqui breuemente eſcreuemos, pera incitar os fieis ao ſeruiço do ſantiſſimo Sacramento. No anno de 1264. Soçedeu, que inde Rodulpho Conde Haſpurg auer huá ſanta molher, que retirada da Corte, viuia em huá ermida com opiniaõ de ter eſpirito de Prophecia, no caminho encontrou hum ſacerdote Cura de huá igreia, o qual caminhaua a pépera caſa de hum enfermo, aquem leuaua o ſantiſſimo Sacramento metido em hum felicario pendurado ao peſſoço, ſegundo o eſtilo da quellas terras. O que vendo o illuſtriſſimo Conde ſe a peoudo caualo, e fes ſubir nelle o ſacerdote, aquem cobrio com a ſua capa, porque chouia, e foi leuando o Caualo de redea pellos lodos, athe a caſa do enfermo, e della leuou o ſacerdote a ſua igreia. Deixouo nella, poſſe a Caualo, e foiſe a falar com o ſanta Ermitoa, a qualhe diſſe eſtas palauras. Pello culto e reuerencia, que pouco ha fiſeſte ao Diuiniſſimo Sacramento do Altar, e áquelle ſacerdote, te fara Deos ati, cateus deſcendentes grandiſſimas merces. Etem

conta com noue tempos. Fosse o Conde alegre, e dali a noue annos, que foi no 1273. Foi eleito Emperador dos Romanos, e desde então, quasi athe agora, sempre o Imperio andou na casa de Austria. Referem este caso, Osio Cardeal, no anno de 1264. Ioam Alberto no prologo sobre os Epistolas de sam Paulo, Frei Affonso de Ribera, Tratado 6. §.7.num.3.

Com resam espere o Marquez de Cascais de Deos merces grandiosas, pois com maiores estremos venera no Sacramento o Rey da gloria.

Neste dia a tarde veo o Duque de Guisa Principe do sangue real de França e dos mais poderosos e ricos, a visitar o Marquez e se detiuerão largo espaço praticando em materias differentes. Quando o Duque entrou, estauão tres Marquez visitandoo, e tanto que Chegou o de Guisa, se leuantaram e não se tornaram mais a sentar. Cortesia na verdade Franceza, e dos estrangeiros pouco entendida, porque tanto que hum homem he fidalgo, logo se persuade que he tambom como todos, e que ninguem he melhor que elle, vicio intolerauel e insofriuel, effeito de grande ignorancia, ou soberba. Iustiça he e resão, que entre as casas illustres se respeite

peite por melhor a mais antiga, e que ſe conheça por de mais nobre linhajem, aque retem o ſangue mais puro, e de mais annos.

Naõ ha em França eſta falta, que em outros Reinos ſe padece, reſpeitaſe muito a caſa e o titulo, entre a nobreſa ſe conhece e reſpeita a preferencia de cada hum. Podeſer que eſte erro naça em outra parte, por naõ auer, nella as baſtantes noticias das leis da fidalguia e nobreſa, as quais em França ſe ſabem com tanto primor, que neſte particular, a todos os outros Reinos fas grandes ventaiens. He a nobreſa e a fidalguia ouro, pois ſe neſte ſe conhece differença nos quilates, porque ſe ha de negar âquella?

Se entre as pedras precioſas, ſe achaõ huãs de maior preço, porque entre os nobres ſe naõ ha de admittir eſta pratica? Se nos Anjos ſe conhecem huñs mais ſuperiores e illuſtres que os outros, como querem os homens negar entre ſi ſuperioridade e differença? Dura couſa he que o fidalgo, que tem cento, ou duſentos annos de nobreſa, queira competir com o que he illuſtre hâ ſeis centos, e noue centos annos. Naõ ha maior ſem reſaõ, que querer igular a todos. Conſiſte à iuſtiça em admittir a indiuidual dif-

ferença: Eſta ſe obſerua pontualmente em França, e na caſa Real ſe pratica, na qual entre os fidalgos, Senhores e Principes, naõ ha miſtura confuſa, ſe naõ ordem, diſtinçam, e concerto. Sem, duuida que eſtes effeitos ſaõ filhos de grande confiança e de muito conheçimento proprio, e os contrarios procedem de pouca confiança e de pouco conhecimento do meſmo ſugeito.

Tanto que o Marquez ouue ſatisfeito com a vizita dos Reys, pareceu lhe conueniente tratar logo das de ſua obrigaçaõ, e praticando a materia cõ os Condutores, cujo officio he dirigir as vizitas dos Embaixadores, parecco conueniente e acertado, que a primeira ſe deuia a o Senhor Duque d'Orlians por ſer peſſoa Real, e Irmaõ de El Rey defunto. Mandoulhe o Marquez recado na forma cuſtumada, pedindo hora a ſua Alteza Real pera o ir ver. Foi eſta das duas pera aſtres da tarde, quarta feira vinte e ſete de Abril. Sahio o Marquez de ſua caza cõ oſeu ordinario e pompozo acompanhamento vizitar a ſua Alteza Real, oqual mora nos Paços da Raynha may, a que vulgarmente chamaõ Lucembrug, obra verdadeiramente Real e ſumptuoſiſſima, edificada com

toda agrandeza e Mageſtade deuida ao apozento de hũ Principe.

He Paço grandiſſimo, eo que mais o afermozea he huã fermoza fachada de gallaria, que corre por entre quatro turriocẽs mui grandes de obra muy cuſtoza e perigrina. Chegado o Marquez ao Paço achou nelle taõ grande multidaõ de ſenhores e damas, que pareçia fazer competençia a o inumerauel concurſo de nobreza, que achou na vizita dos Reys Chriſtianiſſimos. Entrou o Marquez na caza emque eſtaua ſua Alteza Real acompanhado de muitos Principes dos primeiros de França, o que tudo daua grande realçe e eſplendor a o rico addereço da Real caza. O Duque eſperou a o Marquez em pé, e aſſi lhe falou, com toda acortezia deuida a ſeu cargo e peſſoa.

Acabada a vizita, paſſou o Marquez ao quarto da Duqueza, o qual todo eſtaua cheo de Senhoras e Madamas, eas cazas todas com toda agrandeza e preparaçaõ de agrado egalantaria. He eſta Princeza Irmã do Duque de Lorena, dotada de raro entendimento e fermozura. Recebeu o Marquez empé, com todas as demonſtraçõcs de affabilidade e cortezia, o qual ſe deteue com ella algum eſpaco, que foi mais

do ordinario, o que esta Senhora naõ vza, ainda com grandes Principes. Naõ deu o Marquez a esta senhora a paz de França, porque ella anaõ pratica nem admitte, eo mesmo estillo seguardeo com todas as Princezas e Senhoras, que estauaõ em sua companhia.

Ao outro dia foi o Marquez vizitar ao Principe de Condé, primeiro dos de sangue, em falta da Real decendencia. Este, veo receber o Marquez a Carroça, dandolhe sempre nas portas a precedẽçia, en a caza da vizita, a melhor cadeira. Fallasse a este Principe por Alteza Real. Praticou com elle sua excellencia largo tempo, porque este Principe he discreto ebem entendido oqual de proposito foi a largando a pratica, porque achou no Marquez igual correspondençia. Despediuse delle o Marquez, oqual o tornou a trazer a Carroça (acompanhado de muitos grandes Senhores e fidalgos, que vieraõ assistir a vizita) e naõ se apartou daquelle lugar, sem primeiro separtir o Marquez.

A sesta feira das tres pera as quatro da tarde, foi o Marquez vizitar o Duque de Anguien filho primogenito do Principe de Condé, e posto que esta vizita naõ fosse formal, a pre-

ferença de ſua qualidade lha da, pera ſenaõ vizitar outrem primeiro, por ſer Principe do ſangue com jurado direito a ſer Rey de França em falta da Real decendença, gráde preeminença, que faz eſta caza a primeira entre os Principes. Chegou o Marquez a ſua caza elle o veyo receber a Carroça, a companhado do Duque de Brezé ſeu cunhado, e de outros grandes titulos e Senhores, que lhe faziaõ eſte cortejo, nobre cuſtume de França, com que, commummente ſe reſpeitaõ as cazas grandes. Recebeo eſte Principe a o Marquez, com todas as cortezias, e a cabandoſſe a vizita trouxe o Marquez a Carroça, obſeruando todos os primores de ſeu Pay. Foy eſte Principe oque alcançou aquella celebre vitoria de Dom Franciſco de Mello, na Batalha de Recroy.

Ao Domingo foi o Marquez vizitar a Madamoyzella de Borbon, filha vnica do Duque de Orlians e vniuerſal herdeira de ſeu grandiozo eſtado. He eſta Princeza os o lhos de toda a França, dotada de muita fermozura, virtude grande, ſingeleza rara, e ſingular diſcricaõ, com affabilidade admirauel, tem quarto ſeparado aonde mora no Paço de El Rey, que chamaõ o Vvre. Veyo eſperar o Marquez

junto a porta da sua antecamara, [que estaua ricamente adereçada. Ali he deu o Marquez a paz de França, fauor, que esta Princeza fas a os grandes Principes. Leuou ao Marqez a o lugar da vizita, aonde praticaraõ espaço grande, ajuntando o Marquez a grauidade de Embaixador, o discreto de cortezaõ e galante. Estaua a caza cheia das mayores Senhoras do Corte, que o receberaõ com todas as demonstracões alegres e cortezes. Acabada a vizita, acompanhou o Marquez a te aporta da sua Camera, que foi fauor grande e extraordinaria cortezia.

A segunda feira, vizitou o Marquez a Madama la Princeza, que he amolher do Principe de Condé, em cuja companhia estauaõ as Senhoras grandes de Paris, que grandemente authorizaraõ a vizita, a quem o Marquez pagou com a paz de França, e o mesmo e stilo guardou em todas as mais vizitas. Daqui passou a outro quarto a ver a Duqueza de Anguien, nora da dita Senhora, a qual acompanhada de outras muitas veyo buscar o Marquez â sala e tomandoo pella maõ, o leuou a o seu gabinete, aonde estiueraõ largo espaço praticando, e dispedindosse o Marquez óveyo

acompanhando, com á aſſiſtençia de todas as Senhoras, ate as portas da vltima ſala. Deſpois ſe ſeguiraõ as vizitas de Madamoyzella, filha de Duque de Longavilla, e de Madama a Condeça de Sueçon : ambas Princezas do Sangue.

A quinta feira ſeguinte, teue lugar a vizita do Cardeal Mazarini, o qual Marquez foi ver em acõpanhia do Conde Almirante Embaixador em França. O Cardeal, oveyo receber a porta da primeira ſala, eſtando acompanhado do Duque de Breze e de outros muitos Senhores, pera que as viſtas foſſem mais authorizadas. Concorreo taõbem e eſtas, huâ multidaõ de fidalgos e de gente inferior taõ grande, que com difficuldade ſe paſſaua pellas cazas. Detueſſe, o Marquez com o Cardeal eſpaço grande, ea cabada a vizita o veyo acompanhando ate a eſcada do Paço, deçendo della dous de graos, intentando deçer mais, o que o Marquez naõ conſentio reſpeitando a preeminençia da dignidade e do lugar. Foi a cortezia grandiſſima e rara, e poriſſo mais celebrada e admirada por todos.

Concluidas as mais vizitas de obrigacaõ, tiueraõ lugar as de toda a Corte, dandoſſe nel-

las o primeiro lugar a os condurores, que foraõ o Duque Delbef Principe do Sangue cazado cõ huã irmã baſtarda de El Rey defunto, e o Marichal de Breze, Cunhado do memorauel e Eminentiſſimo Senhor Cardeal Duque de Richelieu, a cuja memoria deue Portugal iuſtamente perpetua veneracaõ, e reſpeito.

Entretanto que pella Corte fazia o Marquez outras vizitas, teve lugar de que os Principes e Senhores o vieſſem vizitar, os quais todos vinhaõ com grande oſtentaçaõ e grandeza, e entre elles o que o vizitou com mayor eſplendor, foi o Eminentiſſimo Cardeal Mazarini. Outras vizitas fes o Marquez de grande authoride e conſidracaõ, como foraõ as Senhoras Princezas, Anna e Maria, filhas do Duque de Niuers, Duque que foi de Mantua, ſaõ Senhoras de grande femozura e diſcricaõ, de quem o Marquez em quanto eſteue na Corte, reçebeo todo o fauor e merce. Duque de Guiza, Principe do Sangue. Duque de Tremulla parente muito chegado dos Reys Chriſtianiſſimos, e do Marquez de Caſcais, em grao mui propinquo. O Marquez de Crequi, primeiro Gentihomem da Camera, A

Princeza

Princeza de Ruaõ, O Mariſchal de Baſſonpierre, o Mariſchal de Chumber, os Embaixadores de Inglaterra, & Saboya, ea todos os mais grandes Senhores da Corte de Paris, os quais todos, naõ ſo lhe pagaraõ a vizita, mas o vinhaõ ver muitas vezes.

Acabadas que foraõ todas as vizitas, ſocedeo chegarſe aocaſiaõ da ſahaida, de quazi todos eſtes Principes e Senhores, pera aguerra de França em differentes partes, pelloque cada dia ſe vinhaõ deſpedir de ſua Excellençia, huns, pera Picardia, outros, pera a Champãha, outros, pera Italia. E porque ſuas Mageſtades Chriſtianiſſimas faziaõ taõbem auzençia pera o lugar de Roel, ſitio de grande recreacaõ egoſto, e delle ſe auiaõ depaſſar a Fonteneblot, caza de prazer ſua, ea mais goſtoza e primeira dos Principes de França: pareçeo ao Marquez que naõ conuinha ficar mais tempo na Corte, particularmente auendo nella noua, que a Mageſtade Sereniſſima de El Rey Noſſo Senhor paſſaua peſſoalmente as fronteiras de Alentejo: auendo que de duas, naõ podia eſcuzar huã calũnia, ou de ſer tido per affeicoado a os paſſatempos da Corte (tendo comprido nella ſua obrigacaõ (ou de deſcuidado na

obrigaaçõ de ſua peſſoa, e na aſſiſtençia de ſeu Rey, podendo cada huá dellas dar baſtante materia a ſe cuidar, que ſua Embaixada podia ter outros fins differentes; eaſſi lhe pareçeo conueniente pedir aos Reys a repoſta della, e auella por acabada e concluida.

Mandou o Marquez pedir audiencia a os Reys, que logo lha concederaõ, mandandolhe pera iſſo por condutor hũ Principe do Sangue, qual foi o Chaualier de Guiza, que eſpera ſer Duque de Choize, e Principe de Ianvilla. Eſte veo a hora determinada na Carroça de El Rey, a buſcar e conduzir o Marquez, o qual com oſeu vzado e grandiozo acompanhamento ſe foi a o Paço, a onde achou a os Reys na meſma forma do dia da primeira audiençia. Naõ ſe pode paſſar em ſilençio o ſentimento que nas peſſoas Reys, Cortezãs, e populares ſe manifeſtou naquelle dia pella auzençia do Marquez, poderozo indicio da muita eſtimaçaõ, que delle faziaõ, e do goſto que tinhaõ deo tratar euer. He certo, que foi de maneira, que o obrigou [na meſma ante camera da Raynha, e em preſença de ſuas Mageſtades] a dizer eſtas formaes palauras. *Senhores, eu naõ me diſpido, mas venho fingir eſta minha obri-*

gacaõ. As quais entendidas por muitos Senhores e outras pessoas, se leuantou hũm grande rumor na ante Camera, ouvindosse huá geral vos repetida muitas vezes, que dizia; *Fort bem, fort bem*, saõ palauras Françezas, que vertidas em nosso Portuguez, querem dizer. Estâbem, estabem. Acabouse a formalidade da vizita, e por ella os termos da Embaixada, a que logo se seguio mendarense entregar todos os papeis da reposta.

A preçouse a sahida da Raynha pera Roel, aonde o Marquez a acompanhou, offererendolhe novos, e preciozos presentes a propozito do sitio de recreaçaõ, que ella hia occupar. Entre os quais foraõ huãs almofadas de Camilha, de couro de ambar retalhado, couza de grande valia, que a Raynha muito estimou: porque verdadeiramente, eraõ estes regalos dados com tanto concerto e as seo, que os faziaõ pareçer ainda mais do que eraõ. Deixou a Raynha muito encomendado a o Marquez, que a fosse ver muitas vezes, e por este poderozo respeito foi conueniente fazelo assi, em obediençia de quem o sabia tanto obrigar com amor e cortezia.

Foi o Marquez a ver a Raynha, (aqual ha-

uia alguñs dias, que com grande goſto o eſpe-
raua, e moſtrado ſentimento da dilaçaõ da
vizita) que procurou eſtar taõ preuenida,
que pareçeo bem que era pera o que deſpois
vimos, e ouuimos, como foi a excellente Mu-
ſica que lhe tinha preparada. He pera iſto de
ſaber, que auendo o Eminentiſſimo Cardeal
Mazarini dezejado muito de agradar e aliuiar
a ſua Mageſtade, fes vir de Roma huã molher
por nome a Senhora Leonor, a mais rara e ex-
cellente Muzica, que ſe deue de auer conhe-
cido no mundo. He a vos excellentiſſima, taõ
branda e ſuauc, que parecia penetraua os meſ-
mos coracoẽs, e he certo, que ſe a Muzica ſe-
naõ vira, fora tida por couza ſuperior e diuina,
aqual ſem falta, ſe a ouuira a inſigne Parthéno-
pea, a invejara, a famoza Leucoſia, ſe admirara,
ea illuſtre Legia, em mudecera, e vencidas pu-
zeraõ a oſpés de Leonor, as Coroas comque as
eternizou a antiguidade.

A Leonor, ſe aggregaraõ outros Muzi-
cos da Capela Real, e eſtaua a feſta taõ con-
certada e diſpoſta pera aquelle dia, que logo
deſpois das primeiras palauras da vizita [que
foraõ todas ſobre perguntas do que ſua Ma-
geſtade Chriſtianiſſima mandaria a Raynha

noſſa

nossa Senhora] leuantouse a Raynha dizendo ao Marquez que lhe queria mostrar todos os seus apozentos e gabinetes, e com a Prinçeza de Condé, Duqueza de Aiguilhon, ea Condeça de Arcur, se entrou a te aultima recamara, aonde estaua a Muzica concertada. Sobre o mais excellente da Arte, teue lugar o discreto egalante da Corte: por que todas as Cantiguas eraõ em Espanhol, e acomodadas as galantarias que sua Magestade sabia, que o Marquez tinha em Paris. Gastou este alegre entretenimento a tarde a te o sol posto.

Leuantouse a Raynha dizendo ao Marquez, que lhe queria mostrar os iardins eos passeos delles. Mostroulhe huã prospectiua, taõ admirauel e rara, que com facilidade lhe da o primeiro lugar a Arte. Vesse no cabo de huã comprida e fermoza rua, fabricada toda de aruores silueſtres, comtal proporçaõ e concerto, que fazem duas paredes de verdura, e no alto huâ fermoza abobada do mesmo. No fim desta rua estâ a prospectiua em huâ grande parede contraria a vista, aqual consta de hûm fermozo Ceo, com hûm azul claro e sereno, cores taõ imitadoras do natural, que quem de longe poem os olhos nellas, persuadesse, que ve parte

do Ceo proprio, enaõ artificiozo epintado. Affirmaraõnos peſſoas de credito, que tem acontecido por vezes, enganaremſe os paſſaros com a pintura, porque muitas vezes voando, vaõ marrar na meſma proſpectiua, imaginando que opintado he Ceo verdadeiro e fermozo.

Deſte lugar levou a Raynha ao Marquez a outro denaõ menos recreaçaõ e goſto, que he huâ fermoza eſcada, pendurada da ponta de hum outeiro, que vem a aſſentar ſobre as meſmas ruas do jardim. Corr: pellas ilhargas della, hû Rio e pello meyo, ſinco fontes de aguoa, que ſaem com violençia pera ſima, aqual toda ſe vem ajuntar e ſumir en huâ moo, que eſtá ao pe della, ſem fazr impedimento aos que ſobem ou deçem. A qui deteue a Raynha ao Marquez, porque o ſiio he freſco ea prazivel, quando chegou a Prnceza Madamoyzella de Borbon, filha do Duque de Orlians, aqual deſpois de ſer bem recebida, deu grandes queixas ao Marquez de ſe vr da Corte ſem ella, porque determinaua vir na ſua Carroça, com elle, como otinha dito aMonſieur Lope, que he hûm Gentilhomem Eſpanhol muito rico, que rezide em Paris ha muitos annos. O Mar-

quez se disculpou dizendo: que não tiuera noticia da merce que sua Alteza Real lhe queria fazer, que este he o termo e estilo, com que se trata esta Princeza. Pedio ao Marquez, que tornasse lá muitas vezes a vella, porque tinha grande gosto de ouer.

Deixou a Raynha o lugar, e vindosse recolhendo, pera caza sempre fallando com o Marquez, teve elle occaziaõ de lhe fallar nas couzas de Portugal, e sinificarlhe o grande gosto que sua Mageſtade sereniſſima teria de ver em Portugal hûm Embaixador seu, com quem mais facilmente se podessem tratar os expedientes peraoaumento e conseruaçaõ de ambas as Coroas. A Raynha Christianiſſima lhe pometeo de nomear muito em breue Embaixador pera Portugal, como na verdade o fez: por que propondolhe quatro grandes Senhores de titulo pera odito cargo, escolheo ao Marquez de Rolhac pessoa de grande qualidade e caza, com grande experiençia pera as couzas daguerra, e comgrande juizo pera as da paz.

Reconheça Portugal esta obrigaçaõ ao Marquez de Casquais: porque com a sua vinda a França se rezolueraõ os Reys Christianiſſimos ámandarem seu Embaixador a Corte

Portugueza, que sem falta, hade ser poderozo Exemplo pera todos os Principes Christiaõs se persuadirem do indubitavel direito de El Rey Nosso Senhor Dom Ioaõ o quarto, pois os Reys Christianissimos [mayores e mais poderozos Principes de toda Europa] com a açertada, accaõ de mandarem seu Embaixador a Portugal, assi o persuadem e certificaõ. Esta merce, que em Roel se fes ao Marquez em promeça, logo foi per elle muito agradeçida, como taõ bem o foi despois, quando se deu aexecuçaõ, estando ja o Marquez em Nátes, em vesporas de se partir pera Portugal, escreuendo a Raynha Christianissima as graças desta merçe, eo mesmo ao Cardeal Mazarini. Despediuse o Marquez da Raynha e tornandosse a Paris, começeou a tratar da sua partida.

Segunda feira vinte de junho [em que cabalmente se compriaõ deus mezes, de assistençia, que o Marquez fes na Corte] foi vltimamente despedirse dos Reys Christianissimos ao mesmo lugar de Roel. Vio primeiro os Paços de saõ Germem, que saõ na verdade huâ obra insigne, a onde fazem grande competençia a curiozidade eo poder: porque as cazas saõ sumptuozissimas e custozase, as fontes e artifi-

c artificios de agoa nuncua viſtos, e detanta qualidade e arte, que pera ſe deſcreuerem inteiramente, pedem hûm grande livro. Neſte lugar viueo e morreo o Rey defuncto.

Voltouſe o Marquez a Roel adar o vltimo vale aos Reys Chriſtianiſſimos, e andando a Raynha pellas ruas dos boſques paſſeando em huâ Carroça, com a Princeza Madamoyzella ea Duqueza de Aiguillon, tanto que ſoube que o Marquez vinha a diſpedirſe, mandou parar a Carroça, ea o Duque de Rochefoucaud grande de França, ao buſcar ea dizerlhe que eſperaua por elle. O Marquez ſe a preçou ea foi logo buſcar, e vendoo a Raynha Chriſtianiſſima ſe apeou da Carroça, comtodas as Princezas, e ſe foi paſſeando com o Marquez dando lhe grandes queixas de ſequerer ir taõ depreſſa. O Marquez lhe reſpondeo com as rezões mais poderozas que obrigauaõ a ir, e juntamente lhe agradeçeo tanta merçe e fauor, e com particulares palauras, lheenca reçeo a grande eſtima que fazia do ſeu retrato, que lhe mandou, que foi em hûm quadro de nove palmos de altura e doze de largo, com o retrato taõbem de El Rey Chriſtianiſſimo, e do Duque de Anju ſeu Irmaõ, tanto ao natu-

ral, que naõ ſe pode ver mais.

Vltimamente, ſe foi a Raynha pera caza e nella ſe diſpedio o Marquez de ſua Mageſtade Chriſtianiſſima, com ſentimento grande de deixar ſua companhia, ao qual reſpondeo à Raynha compalauras e demonſtracoẽs bem conhecidas e ſinificadoras de amor e ſuadade. Tudo na verdade deuido ao Marquez, etudo bem empregado, emereçido com tantos lanços de grandeza, diſcriçaõ, affabilidade e cortezia. Bejou amaõ ao Rey menino e diſpedido das Princezas, particularmente de ſua Alteza Madamoyzella, que ſe moſtrou muito ſentida da ſua partida, eoacompanhou a te aporta da Camera donde ficaua a Raynha. Tornouſe o Marquez a Paris a tratar de ſua jornada, aqual proſpere a diuina clemençia, e ao Marquez dé vida por largos annos, pera grangear a Naçaõ Portugueza, reputaçaõ e credito, aqual lhe pode dizer com mais fundamento e rezaõ, o que o Poëta Latino diſſe por outro Principe, emtudo ſeu inferior.

Semper bonos nomenque tuum, laudeſque manebunt.

VINDA DE ANRIE ET MARIA DE BOVRBON, RAYNHA DE INGLATERRA A FRANCA.

DE Datylo Athenienſe refere Textor na ſua Officina no titulo *Furtunati & fideles* §. 10. que foi taõ venturozo, que cadadia ganhaua noua honra e fama. *Datylo apud Athenienſes fuit adeo* Fortunatus, *vt illi quotidie nouus honor accreſceret.* Curçio no livro 8. Conſidrando as gloriozas emprezas que Alexandre cadia fazia diſ; que a Fortuna que he Senhorâ

de todos, de Alexandre foi feudataria esubdita, dando lhe sempre nouas occazioẽs de gloria e fama. Terceiro exemplo, pode com mais rezaõ, allegar Portugal do Marquez de Cascaias, taõ prinçipal coluna sua [senaõ a primeira] a quem a Furtuna hetaõ tributaria e sogeita, que cada dia e cada hora, lheda nouas occazioẽs de honra e de grandeza, como a Datylo e como a Alexandre. Ese destas deue fazer grande estima, pois lhe grangeaõ nome illustre e immortal pera sua caza; Portugal as deue estimar em mais, pois todas saõ consequençias de sua Magestade e potençia, a qual se ate agora esteue sepultada pella tyrania Castelhana, oie com a vida e liberdade (que lhe deu o segundo Alexandre, seu verdadeiro e legitimo Principe El Rey, Dom Ioaõ o quarto Nosso Senhor;) se augmenta e creçe glorioza e clara, pellos illustres feitos do Marquez, que com sua prudençia, liberalidade e grandeza, dá cuidente testemunho de sua gloria viua e poder soberano.

Estando o Marquez na Cidade de Nantes, esperando ó apresto dos Naujos pera se partir à Portugal, teue nouas, como a Raynha de Inglaterra, Henriect Maria, filha de Henrique

quarto

quarto, o grande, Rey de França, a Irmâ de Luys treze o Iusto defuncto, e Tia del Rey Luys XIII. a Deodato, vinha de Inglaterra, e hauia de passar por este lugar. Estimou sua Excellençia grandissimamente a occasiaõ, pois era de tanta honra, e gloria pera Portugal, vendo França, que em sua propria caza, recebia ea gazalhaua hûm Principe estranho [sebem natural no amor] comtanta magnificençia egrandeza, hûa das mayores Raynhas do mundo. A occaziaõ que esta Senhora teue pera vir a França, depende de alguñs antecedentes, que breuemente tocaremos.

Estaua a Raynha de Inglaterra recolhida na Cidade de Exeter, com licença de El Rey pera passar a França à tomar huns banhos, por cauza de alguãs doenças, e tendo noticia os do Parlamento, que estaua em vesporas de parir, pareçeulhe o tempo opportuno e conueniente, pera a prenderem e degollarem por Catholica: cujos danados intentos ha dias tem declarado, pintando em huâ Torre publica de Londres a esta Senhora degollada, sobre hum Teatro. Pera taõ nefanda e abominauel maldade, mandaraõ o Conde Essex com hûm exerçito, pera que viesse çercar a Cidade de Exeter, pera

effeito de prender a Raynha, aqual neste tempo tinhaja parido hûm infante. Daqui, sepassou logo a Cidade de Orsford, praça mais forte e segura; ò que sabendo o rebélde inimigo, fes rosto à mesma Cidade indosse alojar tres legoas della.

Os moradores se pozeraõ em armas, e prepararaõ ositio cógrande animo e ualor, e entendendo o inimingo que elles se quiriaõ defender, persuadiuse, que a Raynha naõ sahiria dali, eassi se deu por seguro, e que tinha a preza namaõ, mas enlouqueçeo Deos este Achitophel herege: porque se preuenira a saida da Raynha, podera prendela no caminho, mas Deos, em cujas maõs está o Coraçaõ dos Reys [*Cor Regis in manu Domini*, dis o Esperito santo] e lhe assiste com particular prouidençia, naõ faltou com ella a Raynha, que tantos tempos ha padeçe por cauza sua, qualhe a fé Catholica do Romana Igreja, porque lhe deu tempo e lugar pera fugir por outro caminho, deixando frustrada a diabolica malicia do Conde de Essex, segundo Herodes. Deixou, esta Senhora o Infante em segura custodia, e vindosse a hum porto de Inglaterra obediente, se embarcou com duzentas pessoas

em huñs Nauios, em direitura de França. Souberaõno os inimigos, seguiraõna com sete naos de guerra, mas a diuina Clemencia a trouxe com bom vento a Breſt, porto seguro de Bretanha.

Aqui esteue a Raynha alguñs dias descançando, a te que sabado seis de Agosto, chegou noua a esta terra, que á quinta feira seguinte, que foraõ onze, hauia deuir dormir em Nantes. Tanto, que o Marquez teue noticia certa de sua vinda, mandou dizer ao Mere Prezidente da Cidade, [que responde ao Prezidente da Camara de Lisboa] que seu intento era agazalhar a Raynha de Inglaterra, e mandar fazer ogasto a toda a sua familia, com toda a mais despeza necessaria. Praticou o Mere no Gouerno o grandiozo animo do Marquez, e por todos foi applaudido e voluntariamente consentiraõ que corresse por sua conta a hospedagem. O Marquez contentissimo cõ aempreza, logo mandou dar ordem ao seu Veador, pera que se comprasse toda a sorte decarnes, e diuersidade de Aues das melhores, com ordem que ouvesse meza Franca todos os dias que estiuesse a qui a Raynha. Pareçeo que o apozento da Raynha fosse em hũm

quarto das cazas do Mere, por serem capazes e grandes. Mandou o Marquez a Saluador Pinherio Mordomo de sua caza, as fosse mandar adereçar com todo o conueniente concerto.

Prepararaõse tres cazas ricamente, ena primeira emque a Raynha hauia de tomar as vizitas, searmou huâ rica e fermoza armaçaõ de Borcado, com hûm rico docel do mesmo. A segunda caza, se armou taõ bem do mesmo borcado, com ricas franjas eguarnições de ouro, e doçel deualor igual. Estaua nella huâ rica cama de estado do mesmo Borcado frizado, encarndo irmaõ do doçel, que em amesma camera estaua, com hum fermozo cobertor do mesmo. Soube o Marquez que a Raynha vinha indisposta, e que era mais conueniente prepararlhe outra caza mais recolhida emque descançasse, eassi lhe mandou preparar outra, com ricos Tapizes de ouro, cama e cobertor de Borcado, com rico doçel do mesmo. Preparado assi o appezento com toda a riqueza e asseo, foi taõ grande a multidaõ degente que concorreo a velo, que naõ hauia entrar nas cazas nem no patio.

Quinta feira ás dez horas da menhâ partio o Mar-

o Marquez decaza, com toda a sua familia a Caualo, e foi à buscar à Raynha ao lugar de Soutron, distante de Nantes tres legoas, mandandolhe primeiro recado, pello Capitaõ Guilhelmo Husch, Interprete da Embaixada, emcompanhia de Antonio da Cunha da Fonseca, como vinha buscar a sua Magestade pera auer, seruir, e acompanhar. Voltaraõ estes gentilhomẽs logo ao Marquez, dando lhe por reposta, que sua Magestade o esperaua com grande gosto. Chegado o Marquez a pouzada, vieraõno conduzir o Marquez de Souré edous, fidalgos Françezes, que fallauaõ Espanhol. Entrou o Marquez na caza emque estaua a Raynha, aqual, tanto que o vio, se leuantou empe, e chegando o Marquez a lhe beijar amaõ, omandou cubrir, cassi empé estiueraõ fallando por Interprete largo espaço. Deu por nouas ao Marquez como el Rey seu Marido, tinha álcançado huâ grande vitoria dos rebeldes, e como delles ficaraõ mortos no campo seis mil, ecatiuara quatro mil prizioneiros. Disse mais (couzaque assombra e espanta) que Dom Alonso de Cardenas, Embaixador de El Rey Catholico em Inglaterra, se declarara por amigo, e fautor dos Rebeldes Parlamentarios. Naõ foi

esta accaõ nada Catholica, mas mui alheade hûm Principe, que dis: professa a Fé da Romana Igreja. Despediuse o Marquez da Raynha, de quem todos vieraõ grandemente edificados, conhecendosse nella, huâ grande humildade, fundamento de todas as virtudes.

Caminhou a Raynha pera Nantes, seguindoa sempre o Marquez, aqual foi reçebida comgrande festa e applauso. Acompanhoua o Marquez a sua caza, e no rico adereco della, conheçeo a grandeza de quem, com tantas demonstraçõs à reçebia. Tornouse o Marquez á sua, e logo lhe mandou hûm rico prezente, grandiozo na quantidade, ena estima; e entre as peças de preço, lhe mandou huâ rica banda pera que sua Magestade à mandasse à El Rey de Inglaterra seu marido. Recebeu esta Senhora oprezente comgrandes demonstraçõs de gosto ea legria, e da banda, fez particular estimaçaõ, e pondoa sobre obraço, mandou dar as graças ao Marquez pello regalo, e que lhe promettia de mandar logo a banda a el Rey seu Senhor.

A noite, mandou sua Excellençia, pera diuertir a Raynha, darlhe huâ grande e excellénte Muzica, acompanhada de gentis instru-

mentos Muzicos, que notauelmente agradou a esta Senhora. Deuse esta Muzica, no jardim das cazas, aopé da janela, dà emque estaua recolhida, aqual mandou abrir, mostrando que gostaua detaõ boa Muzica. Determinouse a Raynha à se partir a outro dia, que foi sesta feira doze domes, obrigada de seus achaques, o que sentio muito o Marquez: porque estaua determinado a seruila, com toda a grandeza, em quanto aqui estiuesse, emandar sustentar toda a sua familia, com muita liberalidade e magnificençia.

Partiuse a Raynha deste lugar, as noue horas damenhâ dodia referido, eo Marquez a foi esperar aporta dasê, por quanto ella ja vinha Sahiose o Marquez da Carroça, e chegouse à da Raynha, aqual vinha no estribo, e tanto que vio o Marquez, logo se leuantou empé, mandando parar o Coche, fazendo grande estimaçaõ da sua vizita. Preguntoulhe sua Excellençia, como estaua, a Raynha lhe respondeo que bem; porque com os seus grandes regalos recebera melhoria. Despediuse o Marquez, e partiuse a Raynha. Sua Excellençia, a foi seruindo eacompanhãdo com huâ luzida companhia de Cauallo, de todos os seus

criados. Hia o Coche do Marquez imediato ao da Raynha, que os mais, todos caminhavaõ atras.

Chegou a Raynha ao lugar de Móua, distante sinco legoas de Nantes, a onde jantou, e preparandosse logo pera a partida, mandou recado ao Marquez, que esperaua por elle, pera se dispedir. Foi o Marquez logo auella, e foraõ tantas as demontracões de amor e cortezia, e tantos os agradecimentos, assi do grandiozo agazalhado do seu a pozento, como da grandeza dos regalos; que lhe mandara, que se admiraraõ todos os prezentes capertando ambas as maõs disse ao Marquez, com huâ sumissaõ notauel, *Comque hei depagar a El Rey de Portugal amerce de me agazalhar taõ grandiozamente dentro em França?* Seguio a Raynha seu caminho, o Marquez se despediu das Damas e Senhoras, tornandosse a Nantes pera sua caza.

Varios poemas se fizeraõ ao Marquez excelentes que naõ referimos aqui por serem em lingoa Franceza, este, que hum curioso traduzio, relataramos, tendo respeito a seu autor, e à calidade do verso, en sententioso, traduzido tambem em Portuguez, dos louuores da sua entrada, e sam os seguintes.

A MON-

A MONSEIGNEVR
LE MARQVIS
DE CASCAIS,
SVR LE SVIET DE SON ENTRE'E.

SONNET.

TOVT ce que l'Eſtranger a produit à la France,
De plus beau de plus grand, & de plus glorieux,
Ne ſçauroit égaller la ſuperbe excellence,
Du Pompeux appareil qui paroiſt à nos yeux.
Qui ne croira voyant ta ſplendide opulence,
Et les Riches preſens que tu fais en tous lieux,
Que pour nous ébloüir de ta Magnificence,
L'Inde ne t'ayt preſté ſes Treſors precieux.
Le peuple qui te louë & la Cour qui t'eſtime,
Contrainct de publier ta vertu magnanime,
Diſent qu'ils n'ont rien veu de plus brillant que toy.
Et que parmy l'éclat du train qui t'enuironne,
Tu meriterois mieux de porter la Couronne:
Que de repreſenter la perſonne d'vn Roy.

C. DASSOVCY.

A MONSENHOR MARQVEZ DE CASCAIS, SOBRE A SVA ENTRADA.

Traduçam do Soneto.

QVanto o mundo creou, mais presumido,
Mais precioso, mais rico, e mais prezado,
Admirou França em vos recupilado,
Vio cifrado naõ so, mas excedido.
Sem duuida, que o Sol mais acendido,
O mar de emulacaõ, mais alterado,
Mais liberal a terra, vos tem dado
Quanto tinha goardado, e escondido.
Pasmado o pouo, a Corte emmudeçida
Vos applaude, venera, estima, e preza,
E com muda rethorica a preiga.
Grita a fama em cem lingoas repartida,
Que com os Reis igual sois na grandeza,
Que elles saõ maiores na Coroa.

Finis Laus Deo.

ADVERTENCIA AOS LEITORES.

MVITAS outras particularidades de grandeza, luſimento, eſplendor, de merçe e fauor, aſſi da Raynha Chriſtianiſſima, como das Princeſas e Senhoras, ſe deixaõ de propoſito de eſcreuer neſte liuro, por tres reſpeitos. O Primeiro, por naõ por em duida verdades publicas e claras, viſtas portantos, nas maõs de quem pera as contradiſer, tira oefficas do argumento, do meſmo diſcurſo, que o pode conuencer, qualhe duuidar as grandezas de França, quem nunca ſahio do limitado do natural. O ſegundo, por naõ fazer taõ inueiado o Marquez de Caſcais, que tanta reſaõ tem pera oſer. O Tercciro, por deixar materia em que poſſaõ, à ſua vontade, laurar, os curioſos e amigos de eſcreuer, aos quais, com toda auerdade, ſe deixa bem largo campo pera ſe dilatar. VALETE.

FINIS.

FINIS